

Entrevistas

Entrevista 1 (Braga):

Qual o seu país de origem?

Ucrânia.

Que Região?

Região de (?).

É uma zona rural ou urbana?

Cidade.

Que idade tem?

41.

É casado/solteiro?

Casado. A esposa estava aqui comigo, mas agora não está por assuntos particulares.

A sua esposa também é ucraniana?

Sim.

Tem filhos?

Sim. Uma filha.

E ela vive cá?

Não. Ela está com a mãe.

Tem família aqui em Portugal?

Não.

Como é que teve conhecimento de Portugal?

Através de um amigo que estava a viver na Póvoa de Varzim, em 2002.

E veio nessa altura?

Sim.

Que apoios é que teve no percurso para Portugal?

Primeiro fui para a Alemanha, França, e depois para Portugal. Não vim diretamente para Portugal. Fui de comboio para a Alemanha, depois de autocarro fui para Nice. Depois vim para Portugal.

Quando chegou cá, foi o seu amigo que o acolheu?

Sim.

Veio sozinho?

Não. Vim com mais alguns amigos.

Fixou-se primeiro na Póvoa de Varzim?

Perto da Póvoa de Varzim, numa freguesia chamada Balazar, onde está beatificada Santa Alexandrina.

Como foi, depois, para Braga?

Foi através de um padre português. Naquela altura, um responsável do departamento de imigrações foi esse padre. Contactou-me e para fazer aqui uns serviços. Naquela altura, 2002, eu fiquei em Junho e em Janeiro de 2003 começamos a fazer nossa (?) para imigrantes.

O senhor está empregado?

(acenando positivamente; profissão de padre (igreja ortodoxa))

Na Ucrânia tinha a mesma profissão?

Sim.

E já fez outra profissão, além de padre?

Não. Estudei na universidade durante 6 anos e já estou há 18 anos de padre.

Lá na Ucrânia?

Sim.

E aqui em Portugal, não teve mais outra atividade profissional?

(acenou negativamente)

Como é que se sente com o atual emprego?

Sinto-me mais ou menos normal. Mas, as pessoas que estou a servir sentem-se muito preocupadas sobre esta situação de crise. E não é fácil, porque a partir de 2003 até 2007 estavam muitos imigrantes em Portugal. Mas depois desta crise, muitas pessoas foram para outros países, algumas voltaram para o seu país de origem.

Considera a sua remuneração adequada para as suas despesas?

Sim. Mas tenho que ter muita poupança. É muito complicado.

Já recorreu a algumas instituições de apoio?

Sim. Naquela altura de 2004, 2005, recorri ao Centro de Apoio de Imigrantes aqui em Braga.

O pertencente à Cruz Vermelha?

Sim. E vários apoios de imigrantes de leste, ucranianos. Tivemos vários tipos de situações, por exemplo, em 2002, 2003, 2004, quando obtivemos dinheiro para vir para Portugal, não queria ficar aqui sozinho, sem sabia falar em português. Mas, depois de dois, três, quatro, cinco anos, eu já me estou a integrar bem, já sei falar. Antes de 2006 havia pessoas mais integradas dentro da comunidade.

Quais são as suas habilitações? É licenciado?

Sim. Em Teologia. E tive equivalência na Universidade do Porto.

Já se sentiu discriminado?

Eu, particularmente, não. Mas já ouvi falar de imigrantes de leste, em situações de discriminação durante longos períodos.

Sabe de algum exemplo?

Por exemplo, estiveram aqui várias pessoas ilegalmente, aqui no norte, que trabalhavam por uma miséria, mas sem os documentos. E têm que ganhar a vida. E sem direitos. Algumas pessoas patronais aproveitam-se desta situação. Diziam que tinham que trabalhar mais e descansar menos. Isto é verdade, não posso esconder.

Sentiu dificuldade em integrar-se em Portugal?

Particularmente, como estudei na universidade a língua do Latim, que é a origem desta língua, nos primeiros tempos, durante meio ano, oito meses, dez meses, foi fácil, porque eu aprendi o português, através de revistas e jornais portugueses.

Pelos meios de comunicação.

Sim, pelos meios de comunicação. Aprendi durante um ano e meio, dois anos percebia aquelas palavras principais, fundamentais na vida social. Mas depois, sabia que precisava de aprender mais. Já estudei na Escola Alberto Sampaio, tirei um curso de 150 horas para saber melhor escrever português.

Tem família em Portugal?

Não.

Está sozinho cá?

Sim. A minha família é a minha comunidade.

Quais as vantagens de estar em Portugal?

Aqui funciona melhor as leis, onde as pessoas têm direitos e têm que cumprir as leis. Isto tem vantagem. É muito diferente do nosso país de origem. As pessoas têm direitos e obrigações.

Aqui nota-se mais do que no seu país de origem?

Sim.

Em termos culturais, que diferenças nota entre Ucrânia e Portugal?

Por exemplo, nas várias festas, como festas de Natal e Páscoa, aqui em Portugal é um dia de festa. Nós não. Na nossa cultura e na nossa cultura religiosa, temos 3 dias de festa. Temos 3 dias de Natal e 3 dias de Páscoa.

Mas esses dias, na Ucrânia, são feriados?

Por exemplo, o dia 7 e o dia 8, para os funcionários públicos é feriado. Mas os outros trabalhadores também podem festejar estes dias.

Como é que lida com essas diferenças? Sabemos, por exemplo, que esses feriados não existem cá em Portugal.

Para uma pessoa que está a viver em Portugal, tem dias diferentes deste calendário, mas por respeito, aceitamos uma parte da cultura portuguesa e fazemos integração portuguesa. Mas há uma coisa muito curiosa. Eu já reparei, durante estes 10 anos que estou aqui, que quando nós fazemos as nossas festas, como de Natal, dia 7 de Janeiro, nosso povo tem possibilidade de festejar. Mas, durante estes vários anos, muitas pessoas falam com os seus patrões se podem festejar estes dias de Natal. Por respeito autorizam a festejar estes dias de Natal da mesma forma de como são festejados nos países de Leste. Eu já conheço patrões que respeitam os direitos destes imigrantes, e deixam festejar estes dias.

Para preservar os traços culturais.

Sim. Mas há vários que não deixam. Dizem que Natal é dia 25 e mais nada.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não tenho nacionalidade portuguesa. Mas conheço muitos imigrantes que têm. E outros que já foram para outros países para viverem melhor, como a Alemanha, França, Inglaterra, para procurarem melhor vida. Eu já conheço estas situações.

Está a pensar em pedir a nacionalidade portuguesa?

Não. Para já, não.

Identifica-se mais com Portugal ou com o seu país de origem?

Neste momento estou-me a sentir muito melhor com lá (Ucrânia).

Que aspirações tem para o futuro?

Neste momento, com a crise global, estou um bocado preocupado, mas também tenho ideias, como esta situação da Ucrânia (confrontos na Ucrânia) tenho grande fé que isto vá passar e que a Ucrânia, futuramente vai ser um país europeu.

Integrado na União Europeia?

Sim. E irá ter futuramente, um grande desenvolvimento económico. Eu sinto que sim.

E a nível pessoal, como parte da comunidade, considera que há futuro para a comunidade imigrante ucraniana?

Conheço vários tipos de famílias que vão ficar cá. Conheço famílias que compraram aqui casas e não conseguem voltar, porque têm ideias para os seus filhos estudarem aqui. Mas há vários tipos de imigrantes que aqui ganharam a sua vida e, depois puderam voltar ao seu país de origem.

Neste contexto de crise, notou se há mais pessoas a regressar?

Sim.

Considera que a União Europeia integra bem os imigrantes? Considera a União Europeia, amiga dos imigrantes?

Da União Europeia não posso responder, mas posso falar de Portugal. Portugal, segundo uma estatística de um jornal português, ouvi dizer que o Estado português faz as melhores leis de imigrantes. Imigrantes conseguiram ter mais direitos de legalidade em Portugal.

Comparado com outros países da União Europeia, para si, Portugal é mais integrador de imigrantes?

Sim. Penso que foi o primeiro país a fazer estas políticas de imigrantes.

Que relações mantém com o seu país de origem? Tem muitos contactos com lá?

Sim. Tenho contactos com padres, bispos. Perguntam se preciso de alguma coisa. Temos contactos com os amigos e com outras pessoas.

Pensa regressar?

Sim. Tenho as minhas ideias. Não quero ficar aqui.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Como lhe disse, há vários tipos de imigrantes. Há imigrantes que já têm família em Portugal, com filhos a estudar na escola.

Aqueles que vêm agora para cá, considera que vale a pena virem para Portugal?

Neste momento não aconselho, porque como estamos agora aqui, é muito difícil. As pessoas que já têm vida fixada aqui não podem sair daqui, porque têm aqui casas, têm filhos, têm vida própria, organizada. Mas outras pessoas que vêm que a vida não é fácil, podem sair a cada momento, a qualquer altura para outros países.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Sim, porque há cinco, seis, sete anos atrás, a vida estava mais ou menos estabilizada. Havia outro tipo de vida. Mas agora nota-se que não.

Houve um agravamento, portanto.

Sim.

Mas considera que é por causa da crise?

Sim. Naquela altura, eu recordo-me que em 2006, havia 53000 imigrantes. Agora tem 43000.

Entrevista 2 (Braga):

Vem de que país?

Ucrânia.

De qual região?

Oeste, mais perto da Polónia.

É de uma aldeia ou cidade?

Cidade.

Que idade tem?

42.

É casada/solteira?

Casada.

O seu marido também é ucraniano?

Sim.

Tem filhos?

Não.

E aqui em Portugal, tem família?

Não. Tenho amigos.

Há quanto tempo está em Portugal?

Há 11 anos.

Veio sozinha?

O meu marido veio primeiro e, passado um ano, vim eu.

Como obtiveram conhecimento de Portugal?

Conhecíamos como país. Naquela altura, para Portugal era mais fácil abrir o visto do que para outros países.

Teve contactos com alguém em Portugal, antes?

O meu marido teve visto de trabalho, logo já na Ucrânia. Quando procurou trabalho fora da Ucrânia, encontramos uma agência que procurava empregos aqui em Portugal.

Foi a partir da Ucrânia que teve contacto com essa agência?

Sim.

Teve algum apoio de alguém já cá em Portugal?

Antes de vir, não conhecíamos aqui ninguém. Foi a própria empresa onde ele trabalhou que ajudou com alojamento e com tudo.

E veio logo para Braga?

Não. O meu marido veio primeiro para Viseu.

Como foi planeado o vosso percurso?

Paramos em alguns sítios, mas viemos diretamente para Portugal.

A senhora também foi para Viseu?

Não. Quando cheguei cá, o meu marido já estava em Braga. Quando o meu marido chegou a Viseu, a empresa tinha muito trabalho. Passado meio ano, recomendaram a quem puder, procurar empregos em outros sítios, porque a empresa podia ter que despedir pessoal. Ele encontrou uma empresa, uma serralharia, que está atualmente fechada.

Qual é a sua situação profissional?

Desempregada.

E o seu marido?

Trabalha.

Mas já trabalhou em Portugal?

Sim. Trabalhei como empregada doméstica.

E no seu país de origem?

Eu trabalhei numa instituição de governo chamada “Contra anti-monopólios”, que controla empresas monopolistas. Terminei a universidade, na Faculdade de Finanças e Economia e depois mestrado de Economia.

E deram-lhe equivalência aqui em Portugal?

Ainda não. Já preparei todos os papéis, mas não sei se vale a pena agora.

Considera difícil o processo de equivalência?

Sim. Mas mais difícil é arranjar emprego nessa área. Já terminei vários cursos como Estética, Técnico Administrativo.

Qual foi o seu primeiro emprego em Portugal?

Foram vários. Dei apoio a uma pessoa idosa.

Como obteve esse emprego?

Tenho muitos amigos portugueses. Um casal nosso amigo recomendou-me para aquela família onde eu trabalhei.

Teve o apoio de pessoas portuguesas?

Sim.

No seu último emprego, a remuneração era adequada?

Acho que sim.

Recorreu a apoios de instituições?

Centro de Emprego, pois recebia o subsídio de desemprego. No CLAI, mesmo no início, quando precisamos de consultas, de alguma coisa.

Já se sentiu discriminada?

Penso que não. Não me lembro de situações que possa dizer que fui discriminada. Felizmente sempre encontrei no meu caminho só pessoas muito boas.

E o seu marido?

Também nunca falou sobre isto. Acontece algumas coisas, por exemplo, no trabalho acontece algumas situações de conflito, mas nunca me falou.

Como se integrou socialmente no país? Sentiu dificuldades, nomeadamente a aprender a língua portuguesa?

Nos primeiros tempos sim. Eu quando cheguei cá, o meu marido trabalhava e eu andava sozinha na cidade, a passear para conhecer Braga. Quando as pessoas falavam eu ficava assustada e pensava que nunca iria perceber, porque as nossas línguas são muito diferentes. Mas depois, quando alugamos uma casa, um casal de portugueses nossos vizinhos, da nossa

idade, ajudaram muito. A senhora era muito ativa, com muita energia e gostava de apoiar. Vinha depois do trabalho para falar comigo e dar as primeiras aulas.

Frequentou algum curso de Língua Portuguesa?

Sim, tirei alguns cursos. Mesmo a Cruz Vermelha e o CLAII organizaram para imigrantes. Agora continuo a estar em cursos de Língua Portuguesa na Escola Alberto Sampaio. Para mim, tenho que estudar mais para saber melhor a língua. Para ter trabalho, para fazer negócio aqui tenho que aprender bem a língua.

Teve outras dificuldades?

Eu sou muito otimista, por isso, para mim, as dificuldades são quando alguém está doente ou falece alguém da família. Isto é maior dificuldade. Mas outras coisas, eu acho que quando a pessoa quer, pode ultrapassar tudo.

Que vantagens considera que Portugal tem?

Naquela altura, Portugal precisava de empregados, mão-de-obra. Por isso nós pensamos haviam oportunidades mais fáceis de encontrar emprego, porque Portugal precisava de trabalhadores. Em 2000, 2002, nestes anos, a construção civil em Portugal precisava de muitos trabalhadores. Por isso muitos imigrantes vieram para cá.

Lá na Ucrânia não havia tantas oportunidades?

Eu e o meu marido trabalhávamos e tínhamos bom trabalho. O meu marido trabalhou na Telecom, como técnico de telecomunicações. Eu tinha trabalho também, antes de vir para cá. Trabalhei 8 anos depois de concluir a universidade, porque o mestrado tirei em pós-laboral. Mas o salário era muito baixinho. Eu recebia, não me lembro bem, mais ou menos 100€. Era muito pouco.

Em termos culturais, quais são as principais diferenças, para si, entre os dois países?

De um ponto de vista, não há muita diferença. De outro ponto de vista há diferença nas roupas, nos trajes tradicionais, é muito diferente. A roupa tradicional portuguesa é muito escura. A nossa é mais alegre, muita cor. Também as danças e a música, são mais alegres. Acho que a tradição portuguesa é menos alegre. Mas gostei muito das pessoas, porque as pessoas têm respeito

pelos outros. No nosso povo, quando acontece algum conflito dentro do grupo, as pessoas levantam-se mais facilmente. As pessoas portuguesas conseguem ficar mais calmas. Têm mais paciência.

Procura preservar traços culturais próprios?

Sim. Temos associações ucranianas em todas as regiões, organizamos festas. Agora com esta situação na Ucrânia, organizamos manifestações e apoio para o povo.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não, mas pensamos pedir.

Tem condições para isso?

Sim.

Identifica-se mais com o seu país de origem ou com Portugal?

Eu estou mais confortável aqui, mas como grande patriota do meu país, Ucrânia vai ser sempre a minha terra-natal. Mas Portugal vai ser sempre a minha segunda terra, vai ficar sempre no meu coração.

Que aspirações tem para o futuro?

Eu penso, e quero muito criar negócio. Negócio para ter ligação, também, com Ucrânia. Agora estou com ideias, mas ainda não decidi qual ideia escolher. Mas quero muito, para ir mais vezes à Ucrânia, para ter mais forte ligação com a Ucrânia.

Costuma ir lá?

Sim, nas férias. Faço todos os anos. Não posso dizer todos os anos, mas no ano passado fui, há dois anos também, e este ano vamos. Houve alguns anos em que fizemos intervalo de dois anos. Isto depende da situação.

Qual é a sua opinião em relação aos impactos da crise na sua comunidade?

Há algum tempo, quando a situação na Ucrânia melhorou um bocado, quando foi Primeiro-ministro, Iúlia Timochenko, que depois esteve preso e agora candidatou-se para ser presidente do país, a situação económica na Ucrânia melhorou e, naquela altura algumas pessoas voltaram

para a Ucrânia. Nós não temos todos a mesma situação, por exemplo, nós compramos apartamento, pedimos empréstimos, o meu marido tem emprego estável. Outras pessoas têm filhos lá a estudar e vieram para ganhar algum dinheiro para pagar os estudos dos filhos ou para construir uma casa. Mas acho que isto não é por causa da crise, mas da situação individual. Cada pessoa tem a sua meta e algumas atingem essa meta. Muitos dizem não querer voltar, porque acham que o seu futuro e o seu presente está aqui. Pode ser que quem perdeu emprego voltou. Quem está sozinho aqui pode ser que sim, mas quem tem família está mais ligado a Portugal. Os filhos estudam na escola, é muito difícil. Muitas crianças já nem querem falar ucraniano.

Como é que vê a situação atual do seu país?

Eu espero que se resolva tudo. Tenho muita esperança que vá melhorar. Por um lado, temos a Rússia, nossa vizinha, que durante muitos anos dissemos ser nosso irmão, por pertencermos há algum tempo à União Soviética sem querermos. Agora, depois desta revolução onde perdemos tantos jovens, que terminou há poucas semanas, depois de termos derrubado o presidente que nada fez pelo país, é impossível saber quanto dinheiro ele roubou. Agora temos problemas com a Rússia. É muito complicado, pois neste momento, as tropas ucranianas não estão preparadas para a guerra. Não queremos que morram mais pessoas. Putin quer roubar, por assim dizer, a Crimeia e vai querer aos poucos roubar outros terrenos. Acho que, tal como os países da União Europeia, também na Ucrânia podemos criar democracia. Sei que na União Europeia também tem muitos problemas, mas o nível de corrupção na Ucrânia é muito diferente.

Considera que a União Europeia tem boas políticas de Imigração?

Eu penso que sim.

E em relação a Portugal?

Acho que Portugal tem melhores políticas de imigração do que nos outros países. Não vivi nos outros países da União Europeia, mas como tenho amigos, por exemplo, na França, Alemanha, aqui acho que as políticas não são más.

Pensa regressar ou ir para outro país?

Quero criar um negócio que faça ligações com a Ucrânia, mas regressar não penso.

Nem para outro país?

Aqui também há problemas económicos e de crise, mas isto resolve-se. O povo tem que estar ativo, dar ideias e, quando necessário, manifestar, porque o povo português também merece ter boa vida.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Penso que vamos ter bom futuro. Somos bons trabalhadores.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Acho que sim.

Entrevista 3 (Braga):

Qual é o seu país de origem?

Da Rússia.

De que região?

Da Sibéria central. Da cidade de Omsk.

Qual é a sua idade?

35 anos.

É casada/solteira?

Casada.

Qual a nacionalidade do seu marido?

É português. Temos 1 filho.

Seu filho tem nacionalidade portuguesa?

Sim. Mas pedi a nacionalidade russa para ele.

Tem mais família cá em Portugal?

Não.

Como teve conhecimento de Portugal? Foi iniciativa sua de vir para cá?

Foi.

Veio sozinha?

Não. Com uma amiga. Foi em 2000, 2001, não me lembro. Nos anos 90, a Rússia deixou de ser União Soviética e, nos primeiros 10 anos, foi um tempo horrível. Eu não via a minha vida ali e pensei em sair.

O que lhe atraiu a Portugal?

Eu queria conhecer Portugal, fui ao mapa e escolhi. Não me arrependi, porque as pessoas são muito boas aqui.

Teve contactos previamente?

Sim.

De pessoas que já tinham emigrado para cá?

Sim.

Como foi planeado o seu percurso, desde Rússia a Portugal?

Não tinha muito dinheiro. Pensei em “comprar” uma viagem mais barata e a viagem foi muito difícil. Da minha cidade, fomos até a capital da Rússia, Moscovo. 2 dias de comboio. Depois, foram mais 5 dias de camioneta para cá. Foi difícil.

Qual a razão da escolha de Portugal e não outro país para destino?

Talvez porque há mais liberdade. Por exemplo, eu não conseguia viver na Alemanha. As regras lá são muito difíceis. Por isso, gostei mais da liberdade que há aqui e do povo.

Qual a sua situação profissional?

Agora estou desempregada. Estou a pensar em tirar, em Setembro, um curso profissional. No ano passado já queria entrar no curso, mas não podia, porque estava grávida.

Qual era sua profissão anterior, cá em Portugal?

Trabalhava na fábrica.

Aqui em Braga?

Não, em Guimarães.

E na Rússia, que profissão tinha?

A minha irmã tinha uma loja de legumes, frutaria, e eu trabalhava com ela.

Qual foi o seu primeiro emprego em Portugal?

Trabalhava numa fábrica de fazer volantes para os carros. Depois, a fábrica fechou. Mas eu gostava, achei engraçado fazer volantes e a pele dos carros.

Já tinha trabalhado nesse sector?

Não.

Como obteve esse emprego?

Ajudaram-me umas pessoas.

Pessoas portuguesas?

Não. Russos que já estavam há mais tempo aqui. Nesse tempo era mais fácil arranjar trabalho.

Início dos anos de 2000?

2001, 2002 era muito mais fácil e faziam-me logo os documentos, contrato. Foi muito fácil.

Considerava a sua remuneração adequada?

Dinheiro nunca chega, principalmente para mim. Mas nessa fábrica, ao contrário de outros lados que se pagava a salário mínimo, trezentos e pouco euros, recebíamos quinhentos, quinhentos e tal.

A que apoios recorreu em Portugal, a nível de instituições?

(Acena negativamente)

Não recorreu a nenhum?

Não.

Foi só através de amigos/conhecidos?

Ou sozinha. Sempre fui sozinha. A Cruz Vermelha (CLAII), pronto, eu estou aqui há 5 anos, trabalho todos os anos como voluntária, se houver algum trabalho, por exemplo, eu gosto de trabalhar com pessoas idosas.

Quais são as suas habilitações académicas?

9º Ano. E agora estou muito arrependida.

Gostava de ter estudado mais?

Gostava. Gostava de ter ido à universidade, como eu queria. Eu queria ser médica, de cirurgia. Não tive oportunidade. Estou muito arrependida disso. Vou tentar dar essa oportunidade ao meu filho. Quero que ele tenha oportunidade e meter-lhe na cabeça que isso é bom.

Já se sentiu discriminada?

Já.

Em que sentido?

Há racismo. Acho que isso acontece em todos os lados.

Teve dificuldades em se integrar em Portugal, nomeadamente a aprender a língua?

Acho que não, porque comecei a trabalhar e movimetei-me com pessoas portuguesas. Não foi difícil.

Chegou a tirar algum curso de Língua Portuguesa?

Sim.

Para si, quais são as vantagens de estar em Portugal?

As pessoas saem sempre do seu país para procurar vida melhor. Eu vim para aqui, gostei e fiquei. Na minha terra mudou tudo para melhor. Já estou aqui há muitos anos, já me habituei e tenho família.

Considera, por exemplo, que na altura que chegou cá haviam oportunidades de trabalho ou que a remuneração era melhor?

Aqui é mais calmo, menos perigo.

Que diferenças culturais existem entre Portugal e Rússia?

Existe de tudo. Muitas vezes eu e o meu marido discutimos por causa da cultura.

Como lida com isso?

Eu penso e faço da minha maneira. Pronto, discutimos mas chegamos a um acordo. Mas a diferença é muito grande. Por exemplo, as mulheres agora têm mais liberdade. Eu e o meu marido discutimos muito por causa disso.

Em termos de gastronomia, de festas, de religião existem diferenças?

Não, ali também há tudo.

Consegue adaptar-se, de certa forma?

Adaptei-me logo nos primeiros tempos. Já conheço a cultura toda.

Procura preservar esses traços culturais?

Tenho muitos amigos e a gente faz as nossas festas. Isso já não dá para tirar. O meu filho vai sempre viver aqui. Comigo é diferente, eu vivi lá e isso já não dá para tirar.

Tem nacionalidade portuguesa?

Tenho.

Por que razão a pediu?

Não há nenhum problema, não vou deixar de ser russa, porque a Rússia permite ter duas nacionalidades. Se qualquer dia quiser voltar, não haverá problema.

Sente-se melhor em Portugal ou no seu país de destino?

A última vez que fui à Rússia foi em 2009. Quase não saia de casa a não ser para ir ao médico ou visitar amigos. Como já me habituei a estar aqui, queria mais depressa vir para Portugal. A única coisa que me faz falta é a minha família, o resto não interessa.

Identifica-se mais com Portugal ou com o seu país de origem?

Identifico-me com os dois países, é normal.

Que aspirações tem para o futuro?

Quero estudar.

Qual a sua opinião sobre a crise e os seus impactos na sua comunidade em Portugal?

A crise ainda vai durar muitos anos. Muita gente veio para cá em 2000, 2001, 2003. Depois de tantos anos, já muita gente foi embora. Acho que será um grande erro se vierem mais para cá.

Acha que não vale mais a pena emigrar para Portugal?

Não.

Como vê a situação atual do seu país de origem?

Melhorou muito. O meu problema é que me habituei aqui, mas a vida lá está muito boa.

Qual a sua opinião sobre as políticas de imigração da União Europeia?

Pronto, eu também sou imigrante, mas eu acho que países como a França ou Alemanha, o que mais gosto na sua política de imigração é que não deixam entrar qualquer pessoa de qualquer país. Acho que isso está certíssimo.

Qual a sua opinião sobre as políticas de imigração implementadas pelo Estado Português?

Isso, quem manda, é lei da Europa. Imigração, isso tem que ser. Mas Portugal podia ser mais duro, eu acho isso.

Que relações mantém com o seu país de origem?

Tenho contactos com os meus amigos e família. A última vez que fui lá foi em 2009 e vou agora, em Abril.

Pensa em regressar ou ir para outro país?

Com os tempos de crise, como o meu marido trabalha em França, penso em ir trabalhar lá, porque aqui não há trabalho, é muito difícil. Mas viver, passar férias, é aqui em Portugal, gosto daqui.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal? Está otimista?

Eu sim. Como agora tenho um filho, só penso nele e no seu futuro. Mas a crise aqui vai durar ainda muitos anos.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Não sei. Se o tempo voltasse para trás, eu estudava mais. Voltaria a emigrar, de certeza absoluta, mas talvez não viesse para Portugal.

Entrevista 4 (Guimarães):

De que país vem?

Ucrânia.

De que região?

De perto da fronteira com a Polónia.

Que idade tem?

51 anos.

Há quanto tempo se encontra em Portugal?

Há 12 anos.

É casado/solteiro?

Casado.

Qual a nacionalidade da sua esposa?

É da Ucrânia.

Ela veio consigo para Portugal?

Eu vim primeiro. Um ano depois, ela veio. Durante esse tempo, andei a procurar os lugares para organizar a vida.

Tem filhos?

Tenho duas filhas.

Vivem cá?

Não. Uma lá na Ucrânia, a outra vive cá.

Tem mais família cá a viver?

Não.

Como obteve conhecimento de Portugal?

Na altura, trabalhava aqui o meu irmão. Eu vim para cá e ele regressou para a Ucrânia.

Que apoios teve no seu percurso?

O meu irmão e amigos compatriotas. Depois, arranjei trabalho, os próprios portugueses ajudaram-me bastante. Depois, frequentei um curso numa escola profissional e a professora ajudou-me.

Como planeou o seu percurso?

Foi uma viagem de autocarro. Bastante tempo de viagem.

O que o motivou a vir para cá?

Procura por uma vida melhor.

Veio logo para Guimarães?

É a minha cidade desde o início.

Foi aqui que estava o seu irmão?

(Acena positivamente)

Qual é a sua profissão atual?

Sou vigilante da Igreja.

Que profissão/profissões teve anteriormente em Portugal?

Trabalhei na construção civil e na fábrica.

Como obteve o seu primeiro emprego?

Vim para cá e, como estavam a precisar de pessoal, candidatei-me.

Como se sente com o atual emprego?

Sinto-me bem.

Considera a remuneração adequada?

Sim.

Recorreu a alguma instituição de apoio?

Não. Fiz tudo praticamente sozinho.

Que habilitações académicas possui?

Sou formado em Engenharia de Radioatividade.

Formou-se na Ucrânia?

Sim.

Já pensou em exercer essa atividade cá?

É praticamente impossível para mim.

Já se sentiu discriminado, de alguma forma?

É assim, por coisas mínimas, mas há pessoas fracas, como em todos os lados.

Sentiu alguma dificuldade na integração, nomeadamente na aprendizagem da língua?

Sim, a gramática é difícil.

Como está a sua família a lidar com a integração em Portugal?

Está tudo bem. Não se pode parar, tem sempre que se aprender.

Quais são as vantagens de estar em Portugal?

O tempo é dos melhores.

Como lida com as diferenças culturais entre os dois países?

Há algumas coisas parecidas. Somos da “mesma” Europa. A diferença é pouca.

Procura preservar os traços culturais do seu país de origem?

Andamos (comunidade de imigrantes de leste) sempre em grupo.

Tem nacionalidade portuguesa?

Sim.

Qual a razão por que pediu?

Por ser mais seguro. Assim, uma pessoa tem os seus direitos, para votar.

Identifica-se mais com Portugal ou com o seu país de origem?

Neste momento estou muito dividido. É como no futebol eu estar a torcer pelas duas equipas. Mas terra-natal é terra-natal.

Que aspirações tem para o futuro?

Futuro para a minha filha.

Qual a sua opinião relativamente à crise em Portugal e os seus impactos na sua comunidade?

Pois, para os trabalhadores sim.

Qual a situação atual do seu país de origem?

Atualmente, piorou, claro. Com a revolução, com tudo. Tem gente muito lutadora.

Qual a sua opinião sobre as políticas de imigração da União Europeia?

Tem que ser assim, controlado e limitado.

Qual a sua opinião em relação às políticas de imigração em Portugal?

Sim. Tenho muitos amigos na Inglaterra e na França. Aqui é normal.

Tem contactos com o seu país de origem?

Sim. De dois em dois anos vou lá. Contacto-os sempre, mesmo a nível de *skype*. Contacto sempre com a minha filha mais velha, com familiares.

Pensa regressar ou ir a outro país?

Para terra-natal, é normal. Posso ir para um país com nível melhor, mas sempre em voltar ao meu país.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Agora não vale a pena virem para cá, claro. As pessoas que estão cá, com vida organizada, já não voltam.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Não tenho muita pena de ter vindo.

Entrevista 5 (Guimarães):

Qual o seu país de origem?

Ucrânia.

De que região?

Perto da fronteira da Polónia.

Que idade tem?

49.

É casado/solteiro?

Casado.

A sua esposa também é ucraniana?

Sim.

Veio consigo para Portugal ao mesmo tempo?

Ela já trabalhava aqui. Ela veio primeiro.

Tem filhos?

Sim. Andam na escola.

Nasceram cá?

Não. Nasceram na Ucrânia.

Qual a nacionalidade deles?

Ucraniana.

Como o senhor e a sua esposa tiveram conhecimento de Portugal?

Através de amigos. Depois compramos vistos e passámos para cá.

Que intervalo de tempo houve entre a ida da sua esposa e a ida do senhor?

Entre 6 a 8 meses.

O que mais o atraiu a Portugal?

Aqui eu tinha amigos.

Qual a sua situação profissional?

Estou desempregado.

Qual era a profissão que tinha anteriormente em Portugal?

Trabalhava numa firma de ar condicionado. Depois, fui para pintor de calças.

E na Ucrânia?

Na Ucrânia era Engenheiro Mecânico.

Como obteve o seu primeiro emprego em Portugal?

Com ajuda dos amigos.

Considera a remuneração do seu último emprego cá, adequado?

O salário era bom, só que precisava muito trabalhar. Trabalhava 13 horas, cada dia, sem folgas. Muito trabalho.

Recorreu a alguma instituição que o apoiasse?

(Acenou negativamente)

A sua licenciatura é de lá da Ucrânia?

Sim.

Já tentou exercer essa atividade cá?

É difícil. Depois há o problema da saúde, da idade.

Já se sentiu, de alguma forma, discriminado?

Não, não tenho problemas.

Teve dificuldades na integração em Portugal, nomeadamente na aprendizagem da língua?

Sim.

Como lidou com isso?

Tive que tirar cursos, vários cursos.

Qual é a vantagem de estar aqui em Portugal?

Vida. Aqui há vida normal.

Em termos culturais, como lida com as diferenças?

Somos mais ou menos iguais.

Procura preservar os traços culturais do seu país de origem?

Sim, claro.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não.

Intenciona ter?

Para já não sei, porque tenho outros problemas.

Neste momento identifica-se mais com Portugal ou com o seu país de origem?

Mais ou menos com aqui.

E os seus filhos?

Se calhar, com Portugal. Já conhecem língua ucraniana, portuguesa, russa.

Que aspirações tem para o futuro?

Para já, ficar aqui, porque preciso de ter saúde (foi recentemente operado).

Considera que a sua comunidade tem sofrido com a crise?

Sim, como todos.

Como vê a situação atual do seu país de origem?

É muito difícil.

Qual a sua opinião em relação às políticas de imigração da União Europeia?

São normais.

E em relação às políticas de imigração portuguesas?

Tem políticas de imigração normais. Penso que aqui existe mais tolerância do que nos outros países.

Tem mantido contactos com o seu país de origem?

Claro.

Com que frequência visita o seu país de origem?

Em cada dois anos.

Pensa regressar ou ir para outro país?

Não.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Neste momento, não vale a pena vir para cá.

Se o tempo voltasse atrás, voltaria a emigrar para Portugal?

Eu faria igual.

Entrevista 6 (Guimarães):

Qual o seu país de origem?

Moldávia.

De que zona? Vem de Cidade/aldeia?

Aldeia.

Que idade tem?

34.

Casada/solteira?

União de facto.

Tem filhos?

Não.

Tem mais família em Portugal?

Não.

Como foi o seu percurso migratório?

Isto foi assim: Primeiro, quando saí da minha terra (Moldávia), fui para a Roménia. Quis ir para lá, porque era um país europeu. Na altura, há 12 anos atrás, Portugal era um país onde se podia ganhar mais ou menos e viver mais ou menos. E a língua é parecida com a nossa.

Então não foi, para si, difícil aprender a língua portuguesa?

Não foi difícil. Para mim não foi difícil. Tinha aqui uma pessoa conhecida. Já estava aqui a alguns anos, e então decidi vir para aqui. Comecei a trabalhar em 2002. Até agora sempre continuei em Portugal.

Veio sozinha?

Sim.

Teve mais outro apoio, para além dessa pessoa que já estava cá em Portugal?

Para além desta pessoa, não tive assim grande apoio. Tive que me desenrascar. Aprendi a língua num instantinho. Durante 3 ou 4 meses. As pessoas perguntavam-me: “Há quantos anos estás cá?”. Eu tive mesmo que aprender sozinha e me desenrascar sozinha. Não tive grande apoio. Tive apoio das pessoas que comecei a conhecer aqui. Eu, como trabalhei uns anos no café da Universidade, foi a prática de falar que foi muito boa para mim.

Teve outras as instituições a apoiá-la?

Não.

Veio logo para Guimarães?

Não. Fui para Vila Real. Depois, lá, como sabe, a situação é muito difícil lá para o Norte, aqui também é, mas ainda pensei que aqui havia mais trabalho. Mudei-me para aqui em 2010. Mas afinal é igual. É igual em todo o lado.

Era em Vila Real que tinha o seu contacto?

Não tive mais contacto com essa pessoa em 2004. Ela era, também, da Roménia. E ela foi-se embora.

Qual a sua situação profissional?

Desempregada.

Qual era a sua profissão anteriormente?

Quando vimos de uma terra do Leste, chegamos aqui e fazemos tudo e mais alguma coisa. Trabalhei na Santa Casa da Misericórdia, 2 anos. Depois trabalhei na Universidade, 7 anos. Foram bastantes anos nestes dois trabalhos. Vim para aqui (Guimarães) e não havia grande trabalho e trabalhei nas limpezas., 3 anos. Agora estou desempregada. Propostas (de trabalho) há muitas, o que me enerva é isso, dizem “vamos ligar, não sei quê...”. Ninguém liga, ninguém diz nada. Isso é que me mata. Às vezes uma pessoa tem de ser direta: “Temos ou não temos” e acabou! Agora, é difícil. Mas também há mais gente desempregada, atores, médicos, vou-me queixar eu?

Qual era a sua profissão no seu país de origem?

Eu estudei para ser costureira, mas nunca gostei.

É a sua habilitação?

Só acabei o 12º ano e tirei o curso de costureira. Não quis ouvir a minha mãe e, agora estou-me a arrepender.

Qual foi o seu primeiro emprego em Portugal?

Na Santa Casa da Misericórdia.

Como o obteve?

O patrão da pessoa que conhecia, conhecia outra pessoa. E depois, houve contactos e tal e pronto. Não falava quase nada, mas aceitaram-me.

Em Vila Real?

Sim.

Considera a remuneração dos empregos que obteve em Portugal, adequados?

Não podemos dizer muita coisa, porque quem manda nos salários, são lá os do governo. Agora, depende dos patrões.

Face às despesas que tinha, era adequado?

Era muito baixo. A nível dos outros países europeus, acho que o ordenado é muito baixo. Aqui no norte, porque lá para Lisboa, o ordenado acho que é maior um bocado, tenho lá amigas, mesmo da minha aldeia, e elas chegam a ganhar 1200€.

Quais as profissões delas?

Uma está em limpezas. Eu quando trabalhava em limpezas, achei que me pagavam muito pouco. É duro.

Já se sentiu discriminada, de alguma forma?

Sim. Eu sempre soube dar a volta. Quando eu abria a boca toda a gente se calava. Porque é mesmo assim, não podemos estar calados. No início as pessoas falam sem saber, e isso também é uma discriminação. Não pode ser assim, mas já me senti.

Em que circunstâncias?

De tudo.

Teve outras dificuldades na integração em Portugal?

Que eu me lembre, não.

Qual é a nacionalidade do seu cônjuge?

É português.

Quais são, para si, as vantagens de estar em Portugal?

Desvantagem, é que não tenho os meus pais e os meus irmãos aqui do meu lado. Isso custa. Agora vantagem, posso dizer que também é saudável lá viver, só que aqui, por exemplo a alimentação, aqui em todas as estações temos comidas verdes, lá já não. Lá, no Inverno, já é

mais à base de gorduras. Eu gosto muito da alimentação daqui. Se algum dia eu sair daqui, o que eu vou ter mesmo saudades é mesmo da alimentação. Adoro comida portuguesa. Mas mais vantagens, não estou a ver.

Em termos culturais, deteta muitas diferenças entre Portugal e Moldávia?

Acho que não há grande diferença. Quando cheguei a Portugal, acho que senti mais diferenças. Agora já estou mais habituada, por isso é que já não vejo as diferenças. Claro, que na minha terra não há festas todos os domingos ou todos os sábados, porque lá está a ficar mesmo pobre, já foram anos bons. Agora claro que aqui há mais festas, há outro movimento. Lá (Moldávia) o povo é mais religioso.

Mais do que os Portugueses?

Eu acho que sim. Acho que os portugueses, antigamente, eram mais religiosos.

Tenta preservar laços culturais próprios?

Adapto-me a tudo. Não tenho aquela coisa de “sou moldava, tenho que viver como os moldavos”, não. Eu estou aqui em Portugal, vivo como os portugueses, vou para França, vivo como os franceses, vou para a América, vivo como os americanos. Claro que não me vou esquecer, por exemplo, faço a Páscoa Católica e faço a Páscoa Ortodoxa. Por exemplo, o Natal é dia 7 de Janeiro na minha terra e aqui é dia 25. Faço no dia 7 e faço no dia 25. Sempre para sentir aquele espírito, não posso me esquecer das datas que estava a viver lá e que convivi lá e assim. E faço duas vezes, faço duas vezes de cada festa. Temos que nos adaptar a tudo e temos de fazer de maneira a sentirmo-nos bem.

Tem nacionalidade portuguesa?

Ainda não. Agora estou a tratar disso. Estou à espera. Vou ser sincera, estou aqui com o passaporte romeno e as pessoas pensam que os romenos são ciganos e tal, e eu tento sempre dizer às pessoas que sou moldava. Quero mesmo ter nacionalidade portuguesa, de uma vez por todas, que é para não dizer que sou romena ou moldava... estou com nacionalidade portuguesa e acabou.

Tem, portanto, também vantagens na aceitação social dos nativos?

Sim.

Neste momento, identifica-se mais com Moldávia ou com Portugal?

Com os dois, por igual. Quando estou lá fora lido com os portugueses. Quando chego a casa ligo-me ao skype com os amigos, mãe e pai.

Que aspirações tem para o futuro?

Boa pergunta. Nem eu sei. Sempre que faço planos nunca me sai como eu quero. É melhor viver o dia-a-dia. Não posso ser pessimista, só que espero bem que as coisas corram para o bem. Só não quero estar pior do que agora. É difícil para toda a gente. Hoje em dia, para fazer planos é assim um bocado... Os meus planos é poder ir para a América, agora vamos ver o que eu vou conseguir.

Qual a sua opinião sobre a crise e os seus impactos na sua comunidade?

Agravou a situação.

Como vê a situação atual da Moldávia?

Está pior. Está mesmo pobre.

Tem esperança de que possa melhorar?

Pelo que vejo, nunca mais. Só se viesse uma guerra, para começar tudo de novo, para serem mais humildes, para serem mais carinhosos, para serem mais compreensivos. Aqui é “o meu vizinho tem, eu também tenho que ter”, e lá também está a ficar assim. Mas não é assim, eu não acho bem essas coisas. Temos é que nos sentir em connosco e não com o que o vizinho faz.

Qual a sua opinião relativamente às políticas de imigração da União Europeia?

Acho que exigem o que é normal. Papéis em dia, não ter cadastro, aquelas coisas todas. Mas isso é normal, tem que haver umas regras. Quando fui ao SEF tinha que ter aquilo, aquilo e aquilo. É normal, porque se calhar se você for para o meu país, também vai precisar de muita coisa.

Qual a sua opinião relativamente às políticas de imigração de Portugal?

Comigo, ajudaram-me muito. O SEF ajudou-me muito. O meu visto era limitado, podiam-me ter expulsado, mas fiquei, ajudaram-me, deram-me apoio, pronto, paguei uma multa. Mas ajudaram-me, deram-me uma residência. Leis são leis.

Com que frequência visita o seu país de origem?

No ano passado não fui. É a crise. Este ano, pelos vistos também não.

Ambiciona ir para os EUA?

Queria. Eu tenho o meu irmão lá ele diz-me como é que são as coisas lá. Diz-me que aquilo lá, também não é maravilhoso, mas sempre é melhor do que aqui. Eu conto-lhe como é aqui, ele conta-me como é lá, e chegamos a uma conclusão. O meu irmão foi primeiro para Texas, porque tinha um contrato de trabalho. Ele foi sem ajuda de ninguém. Só que dizia que os texanos são um bocado “mafiosos”. Em Boston havia pessoal da nossa aldeia, então ele deixou Texas e foi para o outro lado. Ele não está a trabalhar naquilo que ele quer, mas na área dele também é muito complicado.

Qual é a área dele?

Ele tirou curso de pintor. Tem talento.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Conheço alguns que também querem ir para a América. É complicado. Nós queremos viver, como qualquer português. Não interessa ser português, moldavo, ucraniano, somos pessoas humanas, somos iguais. E esta vida toda parece que estamos encharcados de papéis por cima de nós, e quando formos para debaixo da terra vamos levar com a terra, não vamos levar mais nada connosco. Queremos viver um bocadinho melhor. Há pessoas que ficam sem trabalho mesmo, como muitos portugueses e não têm o que dar aos filhos. Isso dói. A política daqui sufoca-me. Há os outros (imigrantes) que não querem voltar ao seu país e já têm família. Uns estão em Lisboa, outros em Vila Real. Eu conheço uma pessoa da minha aldeia que já tem filhos de 15 e 12 anos, também não querem voltar, porque os filhos já estudam aqui, eles têm casa lá. Se vamos para lá, o que é que vamos fazer lá? Não há nada a fazer.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Voltava por uma coisa, mas não voltava por muitas outras coisas. Voltava pelo homem que eu encontrei. Agora não voltava por tudo o que está a acontecer agora, com a crise, desempregada, não ganhas, não vives, estás a contar o dinheiro. Bem, graças a Deus, ele (o cônjuge) trabalha e ganha dinheiro, mas tenho medo de chegar a esses momentos. Mas não me posso arrepender muito, porque conheci pessoas espetaculares, boas pessoas, ainda hoje tenho muitas saudades de pessoas de Vila Real. Quando vou lá fico alegre.

Entrevista 7 (Guimarães):

De que país vem?

Cazaquistão. Os meus pais são russos, mas eu nasci e fui criada no Cazaquistão.

De que zona era?

Norte. A 20 Km da fronteira com a Rússia.

É casada/solteira?

União de facto.

Que idade tem?

30.

Tem filhos?

Tenho uma filha, nasceu no ano passado.

De que nacionalidade é o seu cônjuge?

É ucraniano.

Conheceu-o onde?

Aqui em Portugal.

Tem mais família aqui em Portugal?

Tenho a minha irmã. Foi ela que chegou aqui primeiro, em 2001. E depois, passado um tempo, vim eu. Se fosse eu sozinha não ia. Ela já tem família aqui.

Como teve conhecimento de Portugal?

Quando a minha irmão veio para Portugal, nessa altura, abrimos o mapa, vimos as distâncias. Ela (irmã), na altura, decidiu vir para ganhar mais dinheiro. Na altura, ouviu dizer que aqui ganhava-se mais do que na Rússia. Nós nascemos e estudamos no Cazaquistão, mas aos 17 anos, a minha irmã foi para a Rússia estudar. Aos 18 anos já tinha passaporte russo. Na altura houve dificuldades de trabalho e ela veio para aqui com uma amiga.

Não veio sozinha, então?

Não veio sozinha. Disseram-lhe aquelas firmas que lhe arranjavam trabalho. Também era um risco, porque não sei que trabalho seria. Mas quem não arrisca...

E no seu caso?

A minha irmã teve necessidade de vir para aqui ganhar dinheiro, mas ela pensava ficar cá só um ano, máximo dois, e ir embora. Como ela tinha trabalho, estava legalizada, pode continuar aqui e continuou. No meu caso, ela disse “queres (vir) também?” e eu, com 20 anos, frequentava a universidade e os meus pais para pagar (a universidade) não tinham dinheiro, e eu “porque não (ir para Portugal)?”. Comigo não foi mesmo necessidade, mas sim curiosidade. A minha irmã disse-me que era mesmo para trabalhar, e eu já estava preparada. Gostei e fiquei.

Veio sozinha?

Sozinha, sim. No aeroporto, no controlo nem me estavam a deixar entrar, porque viram uma rapariga nova, de 20 anos, de olhos azuis, cabelos claros, sei lá... , porque vim como turista, começaram a pegar comigo. Mas liguei à minha irmã e ela ficou com o termo de responsabilidade.

Veio de avião, então?

Sim.

A sua irmã morava aqui em Guimarães?

Ela morava em Guimarães, depois foi para Vermoim. Desde 2002, 2003 que vive lá, mas começou aqui em Guimarães. O meu primeiro trabalho foi em Vila do Conde, porque conhecia pessoas de lá. Passado uma semana de estar em Portugal eu já estava a trabalhar. Às vezes

passava o fim de semana na casa da minha irmã e passeávamos em Guimarães. Gostei de Guimarães e disse “algum dia vou viver aqui!”. E fui. Demorou um pouco. Demorei dois anos a “chegar” a Guimarães. Estava a trabalhar em Vila do Conde, depois fui para Famalicão, depois vim para Guimarães. Viver aqui, arranjei aqui uma casa, já trabalhei. Já desde 2006.

O que mais a atraiu a esta zona?

Eu nasci numa aldeia, onde todos se conhecem, tudo pequeno. Guimarães não é uma aldeia, é uma cidade, mas uma cidade tranquila, também pequena. Por exemplo, Porto ou Braga, para mim, já é mais confusão. Aqui em Guimarães tem tudo, é pequeno, é interessante, já conheço muitas pessoas. Isto, para mim, é ideal. Há muitos imigrantes que “trocam” Portugal por outros países, mas eu não. Já passei por isso e já não quero. Aos 30 anos já não quero passar pelo mesmo.

Qual a sua situação profissional?

Agora estou desempregada. Trabalhei na embalagem, trabalhei como empregada doméstica.

Qual era a sua profissão anterior?

Embaladeira. Era uma profissão interessante.

Considera a remuneração adequada?

Não, já não é. O salário era pequeno. Também depende, se receberes todos os meses certinho, podes aguentar. Na altura não tinha ainda a filha, por isso aguentava. Mas se fosse agora, nesta situação, não sei. Eu recebia, para aí, 400€ como empregada doméstica, mas não sobrava nada. E quando vivi sozinha, alugar casa e isso, já, com o mesmo valor, sobrava mais, porque aprendi a gerir as despesas. É claro que os ordenados em Portugal, são pequenos, agora.

Qual foi o seu primeiro emprego em Portugal?

Empregada doméstica.

Foi através dos contactos da sua irmã?

Sim, ela conhecia uma rapariga. Esta rapariga conhecia outra senhora. Esta outra senhora, que era ucraniana, trabalhava dentro de casa e precisava de alguém para a ajudar com as crianças. Para mim foi bom trabalhar com esta pessoa. Para mim foi mais fácil. Quando não se percebe

nada (língua) é mais difícil. Trabalhei um ano ou mais, depois fui para a fábrica, onde também havia uma rapariga ucraniana que me ajudou a compreender algumas palavras. De resto, aprendi português pela televisão, ajudou muito. Foi em Portugal, também, que comecei a ouvir a língua dos ucranianos. Comecei a aprender duas línguas simultaneamente. Também tenho medo de perder a origem da minha língua, por causa da mistura. Às vezes aqui em Portugal nem separo as línguas que falo. O meu homem fala ucraniano em casa, eu falo russo, ele percebe e eu percebo.

Teve algum apoio de alguma instituição?

Só este sítio (CLAIL).

Que habilitações académicas possui?

12º, só. Cheguei a ir à universidade, podia ter sido professora, mas não tive notas suficientes para estudar no ensino gratuito.

Já se sentiu de alguma forma discriminada?

Diretamente, não. Eu, também, se tiver que responder, respondo. Eu tento não levar muito a peito. Há várias pessoas, várias opiniões. Não vou dizer que os portugueses discriminam muito, até porque o sistema integração de imigrantes funciona bem. Eu cheguei numa altura, 2004, 2005, em que muitos já passaram por isto, por exemplo, a minha irmã passou pelas coisas e ajudou-me. Já ouvi dizer, não diretamente para mim, que imigrantes tiram trabalho. Mas aqui em Portugal não há assim tanto. Dizem que nos outros países é muito pior. Não percebo, também, aqueles imigrantes que dizem “somos discriminados”. Se não gostam, porque estão aqui? Tens que estar, porque gostas, eu gosto do povo. Os imigrantes de leste já mostraram que não são estúpidos, que sabem trabalhar e já têm respeito dos portugueses.

Que mais dificuldades teve na integração social, para além da aprendizagem da língua?

A língua é o que demorou mais tempo. Eu, nos primeiros dois anos, não abri a boca. Tentava perceber, mas falar não. No trabalho comunica-se pouco. Aprendi com a televisão e nas aulas. Claro que há pormenores. Por, exemplo, quando procuro uma casa, preparo logo a pessoa e digo que sou estrangeira. Se a pessoa não quiser, eu percebo.

Nota que há diferenças culturais entre os países?

Sim, claro.

Como lida com elas?

Não levo para casa. Fora de casa, fico habituada.

Procura preservar os traços culturais próprios?

De preferência, sim. Em princípio, a minha filha ficará cá (Portugal), mas também pode acontecer o meu caso de chegar aos 20 anos e emigrar. Os meus sobrinhos que nasceram e cresceram na Alemanha, quando vão passar férias para o Cazaquistão, nota-se logo a diferença. Não a nível físico, mas cultural. Até tenho pena dos nossos futuros filhos, porque não foram eles que escolheram (emigrar). Fui que escolhi onde ela (filha) nasceu. Claro que ela vai se habituar no dia-a-dia com os portugueses, mas também tem de saber a nossa parte. Gostava de meter a minha filha numa escola, durante o fim de semana, onde ela aprenda a nossa cultura, pois durante a semana ela já lida com os portugueses. Até ela ter 18 anos vou tentar-lhe ensinar tudo do nosso país.

Quais são as vantagens de estar em Portugal?

Se eu vivo aqui é porque é bom. Se voltasse para Cazaquistão, sentiria que estava atrasada lá. Lá começava do zero. Por isso, é mais fácil ficar aqui e continuar devagarinho. O povo daqui é mais tranquilo. O povo de lá, pode-se dizer mais agressivo e mais stressado. Os portugueses não. Eu gosto mais de estar aqui.

A postura do povo é diferente?

Sim. Porque eu já disse, tens que deixar os problemas em casa e fazer o teu trabalho. Eu acho que o nosso povo não tem esse controlo. Nesse aspeto eu gosto mais de estar aqui, é mais tranquilo.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não.

Está em condições de pedir?

Estou interessada. A partir de junho já posso pedir, só que o meu país não tem aqui embaixada, e por isso, é difícil, para mim, arranjar os documentos que preciso. Não sei por onde começar, mas vou pensar devagarinho. Com tempo, sim, gostava de pedir.

Identifica-se mais com Portugal ou com o seu país de origem?

Claro que me identifico com o país de origem. Eu vivo em Portugal, mas tento manter a cultura russa (cultura do pai, embora seja do Cazaquistão). O meu pai é russo, a minha mãe é ucraniana, eu nasci no Cazaquistão, mas vivo em Portugal. Quem sou? Sou humana. Vivo aqui, porque gosto de viver aqui.

Que aspirações tem para o futuro?

Falta muita coisa. Não faço grandes planos. Gostava de ter (posse) casa aqui. Mas o meu homem já quer casa lá (país de origem), porque ele quer viver lá na reforma. Casa quero, e um bom trabalho.

Quais são os impactos da crise na sua comunidade?

A palavra crise já está na moda há muitos anos. Desde 2008. Isto já não é em crise, isto já é depressão, ao que parece. Há pessoas que vivem bem, outras que não.

Acha que agravou a situação na sua comunidade?

Em certos aspetos, sim, porque quando queremos passar férias (para os países de origem), nota-se a crise. Portugal parece que parou há alguns anos. Não que eles (países de origem) andem para a frente, mas nota-se.

Como vê a situação atual do seu país de origem?

O Cazaquistão, também, não está mal. É um país grande, com pouca população. O povo vive de forma diferente, com cultura diferente, maneira de ver a vida, comunicação diferente. A minha mãe trabalha lá e recebe, por isso não está mal.

Qual a sua opinião relativamente às políticas de imigração da União Europeia?

Eu conheço pessoas que estão lá fora. Quando eu fui passar férias há uns anos atrás, fui de avião para Frankfurt e lá, estava uma senhora russa que vivia na França. Ela está bem lá. Mas, também, depende da maneira como se entra lá. Esta senhora casou com um senhor francês e

isso facilita muito as coisas. Se eu chegasse aqui e me casasse com um português, fazia as coisas mais rápido. Agora a senhora está divorciada, mas está bem. Quando eu falo a ela, como são os ordenados aqui, ela diz-me “como é que vocês sobrevivem?”, porque na França é diferente.

Qual a sua opinião relativamente às políticas de imigração portuguesas?

Estive aqui ilegalmente, mas o SEF conseguiu-me apoiar. Não vou dizer que facilitam, porque há regras. Pode-se trazer para aqui as famílias, eles (as políticas de imigração) tentam ajudar. Saíram leis que ajudam as famílias a ficarem juntas.

Que relações mantém com o Cazaquistão?

Tenho contactado-os. Tenho família lá. Tenho amigos.

Tem ido para lá?

A última vez que fui, foi em 2011, porque é muito longe e muito caro. Se fosse mais perto, como a Ucrânia, era mais fácil. Mas como temos Skype, Internet, posso falar todos os dias.

Pensa sair de Portugal?

Sair, não.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Se continuar como está, está ótimo.

Se voltasse atrás, voltaria a emigrar para Portugal?

Sim, para mim foi boa experiência. Gostei e não foi por necessidade.

Entrevista 8 (Guimarães)

De que país vem?

Ucrânia.

De que região?

Ucrânia central.

Que idade tem?

43.

E veio para cá com que idade?

Com 31. Em 2001.

É casada/solteira?

Viúva/solteira.

Tem filhos?

Três.

E eles têm nacionalidade portuguesa?

Não. Espero que o CLAll me ajude. A mais nova já chegou. Foi muito demorado o processo, apresentei em abril, veio a resposta há duas semanas, ficou adquirida. Ela já nasceu cá e demorou tanto tempo.

E os outros dois?

Os outros dois estão cá há 10 anos e é mais difícil. Tenho colegas ucranianos que, com os acontecimentos recentes, em 45 dias conseguem obter nacionalidade. Eu, com filhos aqui há 10 anos a frequentar a escola e tudo, não consigo obter resposta.

Tem mais família em Portugal?

Não.

Como foi o seu percurso migratório?

Disfarcei-me de turista. O meu marido falecido já trabalhava cá, a ideia dele era oferecer-nos casa e carro, na altura. Passado 11 meses, vim eu disfarçada de turista. Tinha visto de 30 dias. A minha irmã era casada com um alemão, tínhamos vistos idênticos, de turista. Eu aproveitei durante 30 dias.

Veio com os seus filhos?

Não, só eu. Só passados dois anos trouxe os filhos.

Teve algum apoio no percurso, para além do seu marido?

Vim de carrinha. Ainda nos tiraram dinheiro no percurso. O meu marido Chegou aqui em Pombal. Não havia emprego. E dormiu num telhado e numa varanda, em pleno novembro.

Quais foram as razões do seu marido emigrar para Portugal?

Ele queria dar-me aquilo que eu não lhe pedi. Eu ficava satisfeita com o pouco que tínhamos lá (Ucrânia), vivíamos na casa da avó, tínhamos pequenas discussões, tínhamos o nosso emprego, não ganhávamos muito, mas pronto, já sustentava-se. A característica de todos os homens da parte de leste da Ucrânia é que eles são mesmo sustentadores. Ele (marido) dizia-me: “preocupa-me quando não consigo ganhar dinheiro”. E nós ganhávamos uma miséria, ele era engenheiro e eu era professora e ele achava que isto era pouco. Ele queria construir uma casa nova para oferecer-me e um carro novo.

Quando ele veio para cá, que empregos tinha?

Trabalhava na lavandaria. Ele ganhava 530€ mensais na altura.

E porque é que ele escolheu Portugal?

Prometeram 1200€ mensais, não sabia, confiou e foi enganado, pronto.

Veio logo para Guimarães?

Brito, Vermil, sempre a rondar. Parei depois, pela minha paixão, por Guimarães.

Qual a sua situação profissional?

Atualmente tenho 5 empregos. Não os posso perder, porque todos os empregos que tenho, nenhum me dá garantia. Estou a trabalhar a recibos verdes nas piscinas, só tenho contrato de 11 meses. Saio das piscinas e vou para um take-away. Tenho que ter part-times que me deem um valor razoável. Na altura, tirei um curso de segurança, e estou nos jogos de futebol. E estou a fazer limpezas.

E a remuneração é adequada para si?

Os únicos que tenho mais ou menos razoável são: o de recibos verdes, ganho 600€, 120 vai para a segurança social; E nos jogos, os valores variam entre 20 a 33€ com descontos. O resto são 3, 3€50, 4€ por hora. Por isso, chego a trabalhar 17 horas diárias e não consigo obter retorno do trabalho.

Qual foi o seu primeiro emprego em Portugal?

Trabalhava na lavandaria, também. Já tinha emprego garantido.

Foi com a ajuda do seu marido?

Sim. Os problemas começaram depois, quando fui despedida.

Recorreu a alguma instituição de apoio a imigrantes?

Não. Espero ter a minha nacionalidade e acaba-se a minha relação com os SEF. Quando o meu marido faleceu, da parte da Ucrânia não havia nada (apoios) do nosso consulado, por isso, trato tudo sozinha. Eu parei aqui (CLAI) por acaso. Eu passava aqui mil e uma vezes e nunca reparava nesta placa. Entrei por curiosidade. Eu ando por cá há tantos anos e nunca soube que isto existia.

Valeu a pena?

Sim. Conheci a monitora, e ainda não consegui realizar o que ela me pediu. A minha prioridade, agora, é o sustento. Não posso parar, não posso estudar.

Quais são as suas habilitações?

Tenho mestrado em Matemática.

Tirado na Ucrânia?

De lá da Ucrânia. Já comecei a dar explicações aqui, numa altura.

Pediu equivalência para aqui?

Não. O dinheiro que o meu pai me mandou para a equivalência, eu investi num curso de segurança. Menti-lhe e agora tenho o retorno.

Já se sentiu discriminada?

(Risos) Milhares de vezes, nos empregos que recorro. Basta ter sotaque, basta aparecer. Eu, ao falar, nem me denuncio muito, mas quando fui à procura de emprego, falei, combinei, um homem (empregador) prometeu-me um lugar, cheguei lá e ele mal me viu, disse-me “acabei de, há dois minutos, empregar outra pessoa”. E eu estava há uma hora ao pé do portão há espera que abrisse. Concorri para o Hospital de Guimarães, para segurança, na área de vigilância, a empresa era de Lisboa, a senhora leu o meu currículo e disse que o administrador do hospital não admite mulheres. Não admite mulheres!? Quando está escrito “M/F”, não admite mulheres!? E fui lá para esclarecer as coisas, fiquei indignada com aquela resposta. Eu já trabalhei num parque de campismo, e disse-lhe “eu, sozinha, já vigiei 5000 motards e você está-me a dizer que não consigo obter controlo no hospital?”. De seguida veio o coordenador, que devia coordenar a equipa de Guimarães que disse “tenho que lhe dizer esta coisa, não me leve a mal, mas é só por ter nome estrangeiro”. E sei que trabalham mulheres no hospital de Guimarães, naquela mesma empresa.

Teve dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa?

Eu gosto de estudar. Eu vim para cá a 20 de setembro. O meu marido disse-me assim “até dia 1, tu tens que saber contar”, porque trabalho de lavadeira tem mesmo a ver com a contagem de roupa. E eu fui decorar, não saber nem ler, nem nada. Para mim, tem que existir metodologia para aprender. Eu tenho que aprender a ler, a partir desse momento dou com uma língua qualquer. Pagamos na altura, um dicionário de 100€, trouxemos da Rússia. Em novembro, soubemos de um curso voluntário, que os professores portugueses deram, de língua portuguesa. O meu marido já falava bem. Só na altura percebi a conjugação de verbos. Naquela altura não tinha filhos (estavam no país de origem), trabalhava só 8 horas, das 6h00 até às 14h00, e dedicava o meu tempo aos estudos. Eu falava 30 palavras todos os dias, treinava assim enquanto esperava o meu marido, que chegava às 20h00.

Teve mais dificuldades na integração, para além da língua portuguesa?

As pessoas são muito conservadoras.

Em Portugal?

Tanto em Portugal, como os nossos (ucranianos). Na Ucrânia vivíamos numa casa com muitos homens, e as pessoas desconfiavam de certas coisas. Aqui em Portugal é a mesma coisa. Se

uma mulher sai, eles perguntam “o teu marido tolera isso?”, claro que tolera! O meu problema é que sou uma pessoa muito aberta, nunca escondo nada e falo muito. “És casada? Sou”. Nunca ganhei coragem para responder para as pessoas não se meterem na minha vida. As pessoas perguntam, começam a falar, querem saber mais e eu respondo. Acho que não vale a pena preservar, quem quer saber sabe, quem não quer, vai inventar.

Como é que os seus filhos lidam com Portugal?

Eles estão ótimos. Em 2003, quando trouxemos os filhos, Portugal começou a entrar em crise. Só que a Ucrânia estava ainda pior. O meu filho tinha cinco anos, a minha filha tinha um ano e meio. O rapaz falava 3 línguas: russo, ucraniano e inglês. Ele começou a gaguejar. Durante os 2 anos que estávamos cá, falávamos todos os dias com ele ao telefone, porque ele sentia-se abandonado. Ele pensava que nunca na vida o íamos buscar. Não, não dá! Trouxemo-los para cá. Mas a vida deu voltas. O meu marido faleceu. E eu, com funerais, com dívidas, com tudo, nunca na vida tinha hipótese de juntar dinheiro, de voltar ou ir de férias. Não vejo os meus pais desde 2003. Tinha 5 dias para ir buscar os filhos, há 11 anos que não vejo os meus pais.

Quais são, para si, as vantagens de estar em Portugal?

Não me conformo com o sistema de educação. Sou aliada do pensamento de que quando não podemos mudar, temos de adaptarmos. Eu não tinha oportunidade de voltar, os meus filhos habituaram-se a aqui, mesmo com pouco ficamos contentes. Não vejo grandes vantagens. A nível de educação fico preocupada. Eu preferia que Portugal investisse em áreas de conhecimentos gerais do que o que está agora. Não entendo por que se dá o Francês. Não consigo perceber por que no 10º ano, quando eles não têm maturidade nenhuma, só têm corpo, porque é que eles fazem as escolhas de curso que eles querem. Porque é que eles retrocedem um ano para trás, quando descobrem a área que eles gostam? Não percebo por que é que não têm um sistema geral do ensino. Meu filho optou pelas artes. Se ele não entrar na arquitetura, onde ele quer, não sei para onde ele vai. Eu já lhe disse “olha, vais para a tropa!” (Risos).

Nota diferenças culturais entre os dois países?

Sim. Aqui, os hábitos de leitura não estão dados. Há aulas de português uma ou duas vezes por semana. Dá-se Eça de Queirós e Fernando Pessoa, e pronto, acabaram-se os conhecimentos. Aqui, nós adaptámo-nos bem. Tentámos arranjar formas de nos mantermos animados.

Tem nacionalidade portuguesa?

Tenho. Desde 2010.

Qual foi a razão que a levou a pedir?

A primeira razão era a económica. Eu não conseguia suportar a despesa dos SEF. Os últimos vistos que tratei, agregado familiar de 4 pessoas, foi 495€. E eu disse “não, acabou! Quero lá saber da Ucrânia, quero lá saber dos SEF, vou pedir nacionalidade!”. Pedi nacionalidade para mim, depois cismei para trabalhar na área de segurança, precisava de nacionalidade portuguesa. Em todos os requisitos de oferta de emprego pediam nacionalidade portuguesa. Não perdi nada.

Identifica-se mais com Portugal ou com a Ucrânia?

Com Portugal. Desliguei-me da Ucrânia, desliguei-me mesmo. Sinto arrepios quando vejo as notícias (conflitos na Ucrânia), nunca pensei que isto chegaria a este ponto. O povo ucraniano explodiu.

E os seus filhos? Identificam-se com Portugal ou Ucrânia?

São portugueses, autênticos.

Que aspirações tem para o futuro?

Não sei. Sei que a minha vida vai mudar. Que não vou trabalhar a vida toda assim. Eu tenho receio de construir planos, porque não temos garantias nem com emprego, ninguém dá garantias. Eu já disse ao meu filho para ele acabar a universidade, e de seguida a irmã e, depois vou eu estudar. Mas não tenho a certeza do que eu gosto. Gosto de estudar, gosto de lidar com a juventude, só não tolero faltas de educação, sou tão rigorosa que não consigo adaptar-me à escola. Trabalhei 3 anos numa escola secundária, e foi um massacre. Eu tenho postura muito autoritária, sou muito rigorosa, cada vez que os professores expulsavam alunos eu punha-os a fazer testes. Chegava a um ponto em que eu tinha mais controlo que os professores. O único emprego que me compensa é o da vigilância, porque posso ser eu mesmo como sou. Tenho propostas financeiramente compensadoras, mas exigem que saia da área da segurança e eu não quero. Estou pouco tempo com os meus filhos. Mas tenho que pagar a universidade, o meu rapaz vai para explicações, porque os meus conhecimentos não chegam. Faço pelo bem deles.

Considera que a crise veio agravar a situação na sua comunidade?

Sim. Tenho alguns desentendimentos laborais, mas tenho patrões que reconhecem o meu esforço. Mas o que me deprime ainda mais é que eu deixei de ter vida social. Sou uma pessoa muito comunicativa e sociável e tirar-me socialização custa-me. Não posso ir ao teatro. Criámos aqui (CLAll) um grupo de teatro para um projeto da Capital Europeia da Cultura e era um grupo espetacular. Tenho convites para espetáculos de vários sítios, Famalicão, Porto, oferecem-me boleia, e eu não posso aceitar. Se eu vou, por exemplo ao Porto, na sexta-feira, no sábado caio para o lado, pois é o dia mais extenso que tenho. Tiraram-me a leitura. A minha única biblioteca é o facebook. Lá vejo notícias e tento compensar esta carência de leitura que tenho.

Como vê a situação atual do seu país de origem?

Eles não estão mal. A diferença está na classe média. Portugal tem classe média, Ucrânia não tem classe média. Tem pobres e ricos, a classe média é muito “fininha”. Mas o povo sustenta-se. 60% ou 70% das famílias têm, pelo menos, um membro que está fora (emigrado) a ganhar, as pessoas sustentam-se. A geração nova está à rasca, sem emprego, sem nada, só que fisicamente, a geração nova está mais forte. Isto choca-me, mas acho que o meu país, ou um país qualquer, pode mudar. Eu posso ser otimista, mas acho que um país qualquer pode mudar. Ainda há pouco fui convidada a fazer interpretação, porque estava a decorrer um campeonato europeu de trampolins e a Ucrânia veio, fiquei surpreendida.

Qual a sua opinião em relação às políticas de imigração da União Europeia?

Eu acho que, mesmo aqui em Portugal, os preços dos vistos estão insuportáveis. Quando pessoas do CLAll me dizem que nós temos direito a isenção, eu assisti a coisas horríveis nos SEF. Pessoas arranjaram as folhas de isenção, e eu vi-os a rasgar e deitar no caixote do lixo em frente aos imigrantes. Eu tratei disto em 2011, a partir daí nunca mais pus lá os pés. E espero que a nacionalidade chegue mais cedo do que em 2016, para tratar dos vistos dos meus filhos. Um visto fica entre 180€ e 330€ com direito a trabalhar na comunidade europeia, isto é insuportável. Portugal tem coisas absurdas. Para eu tratar da nacionalidade dos meus filhos pedi isenção. Trouxe a declaração e disseram-me que eu tenho que pedir isenção de taxa. Que isenção de taxa? Antigamente bastava a declaração da Junta de Freguesia. Passei pelo processo todo, até pedimos apoio jurídico gratuito, apresentamos e a resposta que recebi foi que

declaração de segurança social não leva selo branco. A técnica do CLAll até me disse “estão a pegar contigo! Estão a insinuar que a declaração está falsificada”.

Por que razão acha que isto acontece?

Acho que as necessidades levam as pessoas a quebrar valores, acho eu, não sei. Assustam Portugal, porque todo o nível de criminalidade que Portugal começa a viver nós já vivemos.

Mantém contactos com a Ucrânia?

Sim. De vez em quando. Na minha disponibilidade restrita.

Mas não tem ido visitar a Ucrânia?

Não. Desde que trouxe os filhos, fiquei um dia na Ucrânia, em 2003, nunca consegui ir para lá.

Por razões económicas?

Por razões económicas e não só. Não consigo. Temos incompatibilidade das minhas raras férias com as férias dos miúdos. A única solução que temos para ver os meus pais é eles virem para cá.

Pensa regressar ou ir a outro país?

Não. Mas ir para outro país, já falta pouco. No ano passado, com esta dificuldade de encontrar emprego, pensei mesmo em ir para um país qualquer. A minha relação com o dinheiro é um bocado complicada, detesto dinheiro. Esta dependência que nós temos tira-me do sério. Eu posso viver de algumas coisas, mas não posso tirar coisas aos meus filhos. Já pensei em ir para Angola, mas ao mesmo tempo penso se tenho direito de fazer isto aos meus filhos. Tenho que tolerar a vida que tenho. Tenho conhecidos em França que me podiam ajudar, mas não posso inculcar uma quarta língua aos meus filhos. O meu filho aleijou-se no treino e, quando fomos ao médico, eu ouvi o meu filho dizer algo que nunca pensei ouvir “eu vou trabalhar no estrangeiro”. Meu filho diz que gosta da Noruega. Falo-lhe do Brasil e ele não quer, por causa da criminalidade, falo-lhe de África e ele não quer por sermos brancos no meio dos pretos.

Como é que vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Acho que não temos. A minha ideia é que não temos comunidade. Nós temos festas e tudo. Tenho pena de não ter realizado projetos que ficaram pelo caminho, ideia de associação, de

festas, com russos, ucranianos, ideia de piqueniques. Mas o raio do trabalho absorveu tudo. Não dá para realizar nada. Temos as mãos atadas. Mas um dia ei de ter oportunidade.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Não, nunca na vida. Preferia para antes, pelo caminho, na França ou Espanha. Se calhar as dificuldades poderiam ser iguais, a adaptação e tudo. Mas ao nível de remuneração, poderia manter melhor qualidade de vida.

Entrevista 9 (Guimarães)

De que país vem?

Ucrânia.

De que zona?

Centro, perto de Kiev.

Que idade tem?

Tenho 64. Já estou há 15 anos cá. Chegámos com 6 pessoas, e eu fui a primeira das 6 a chegar a Guimarães.

É casado/solteiro?

Casado.

Tem filhos?

Na Ucrânia só.

A sua esposa está cá?

Sim.

É ucraniana?

Não, é polaca.

Tem mais família em Portugal?

Só a mulher.

Veio sozinho para Portugal?

Sim. Procurei muita gente, e companhia não consegui.

Não conhecia ninguém que já estivesse aqui?

Não. Não consegui, porque faltava dinheiro. Vim de carro e quis vir só por causa do dinheiro. Sozinho, esperei 2 meses para fazer carimbo, tive que pagar 400 dólares.

Do visto?

Sim. Depois, o caminho (viagem) foi 250 dólares.

Veio de que meio de transporte?

Carrinha. Com seis pessoas. Pagámos 250. Depois, quando chegámos, arranjam-nos trabalho, porque não falávamos português, era difícil. E depois, cá estou, sozinho.

Para que zona de Portugal veio primeiro?

Santarém. Estivemos lá, num hotel, durante 2 semanas. Depois arranjei trabalho aqui em Guimarães.

Qual foi o seu primeiro emprego cá em Portugal?

Numa fábrica de sapatos.

Atualmente, o que faz?

Aprendi muito rápido a fazer solas de sapatos e a colar. Nós, ucranianos, eramos 6 pessoas a trabalhar, depois chegaram mais, e eu ensinei 3 dessas pessoas a trabalharem nas máquinas.

Já se tinha formada na universidade, na Ucrânia?

Sim, eu formei-me na universidade. Sou engenheiro mecânico.

Já tinha trabalhado em outros países?

Trabalhei na Alemanha durante 2 meses. Foi só no tempo da tropa, porque tinha que estar 2 anos na tropa, na Alemanha.

E o que o atraiu aqui a Guimarães?

Eu já trabalhei em Fafe, como engenheiro mecânico, mas a fábrica fechou. Depois, procurei trabalho como engenheiro, mas é difícil, porque é preciso traduzir o diploma. Era difícil arranjar trabalho. Abriu uma fábrica perto de casa, deixei currículo para o hospital. E os da fábrica mandaram-me a carta.

Neste momento está a trabalhar na fábrica?

Na fábrica da Curva 1. Fazemos portões para a Alemanha e França.

Mas está a trabalhar como engenheiro?

Não. Como serralheiro mecânico.

Como se sente com o atual emprego?

Para mim é igual, eu não tenho medo do trabalho. Trabalho com mecânica, eletricidade, sei tudo. Não sei por que Portugal não quer aproveitar engenheiros ucranianos, os nossos engenheiros são fortes. Nós fomos os primeiros a ir para o espaço. Primeiro, trabalhamos conjuntamente com a Rússia. A Rússia, agora, não quer deixar a Ucrânia sair para a União Europeia, porque é muito complicado, pois muitas fábricas trabalhavam juntas. E a Ucrânia é um país com muita potência. O governo (ucraniano) é que estragou, com a corrupção. Temos fábricas de camionetas, temos fábricas de carros, temos fábricas de tratores, fazemos nós próprios, não compramos. Temos minas, carbono, combustível de foguetões, entre outras coisas.

Considera a sua atual remuneração adequada?

Não, falta. Quando nós tínhamos os 15 países juntos (URSS), o nível de salários para todos os 15 países, para engenheiros, era mais ou menos igual, por lei naquele tempo. Aqui, na União Europeia há outra política. E, agora, meio Portugal trabalha para fora, pois o salário não é igual ao resto da União Europeia.

Já recorreu a algum apoio de instituições de apoio a imigrantes?

Não, não pedi ajuda a nada. Gosto de lutar sozinho. (Risos)

Já se sentiu discriminado, de alguma forma?

Eu luto contra isso, também. Se alguma coisa mais séria acontecer, eu escrevo logo uma carta para o tribunal. Na fábrica, as pessoas têm cuidado comigo.

Teve dificuldades na integração, nomeadamente na aprendizagem da língua?

Sim. Esperei um ano, e fui tirar um curso.

Teve mais dificuldades, como por exemplo arranjar casa, trabalho?

Não. Já disse que sou muito forte. Ajudei com amigos, arranjei casa, trabalho, qualquer coisa. Eu luto sozinho. (Risos) Os portugueses é que me pedem para arranjar trabalho.

Quais são as vantagens de estar em Portugal?

Não sei. Custa falar tudo direto.

Nota diferenças culturais entre ambos os países?

Portugal tem uma boa cultura. O povo português é muito bom povo.

Na cultura ucraniana, há dias de festa diferentes dos de Portugal.

Claro, claro.

Como lida com isso?

Eu não gosto de festas. Gosto, porque podemos descansar quando não há trabalho, mas as festas de igreja, para mim, não me interessam, porque sou ateu. Só gosto de festas para descansar.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não. Quero tirar o curso para tal.

Tem as condições para a pedir?

Não sei quais os papéis necessários. Acho que não tenho problema, só preciso de tirar o curso.

Está, então, interessado em pedir a nacionalidade portuguesa?

Sim. O que é que eu vou fazer lá (Ucrânia)? Lá, não sei quando irá melhorar. Aos 64 anos não adianta estar a perder tempo de vida.

Mas está a pensar em regressar ao seu país?

Não. Só vou para lá quando estou de férias, e acabou. Não quero, não vale a pena. Eu gosto daqui, tenho a minha caravana, gosto de passear.

Identifica-se mais com Portugal ou Ucrânia?

Aqui. A única coisa: na Ucrânia, todas as pessoas têm casa própria. Aqui pago a renda, é difícil comprar casa. Já procurei, mas é difícil comprar, é muito caro. Tenho um amigo que foi à Câmara entregar papéis para ter apoio de habitação. Ele está a morar num T2 e paga pouco. Eu já tentei fazer isso, mas comigo nunca funcionou, não sei porquê.

Que ambições tem para o futuro?

Planos tenho, quero comprar casa, comprar carro novo. Preciso de ajudar a minha filha. Tenho um neto cego.

Que impactos teve esta crise, na sua comunidade?

Sim, a União Europeia ficou pior. Quando uma família tem muitos filhos é difícil, quando tem só um filho, já se pode andar. A União Europeia faz confusão demais.

Como vê a atual situação do seu país de origem?

Responder a isso é complicado. Sou patriota, e claro que penso que o meu país vai melhorar. Só é preciso fazer ordem, porque no governo da Ucrânia é só malucos. (Risos)

Qual a sua opinião sobre as políticas de imigração europeias?

Nos países, as políticas são iguais para imigrantes. Por exemplo, França é mais democrática, Alemanha é mais democrática, porque é mais perto de casa (Ucrânia). Antigamente pensei em sair para França, agora não. Não é difícil, mas eu aqui tenho trabalho.

E em relação às políticas de imigração de Portugal?

É mais ou menos normal.

Mantém contactos com a Ucrânia?

Sim, com a internet. Não só com a Ucrânia, também com a Rússia, Geórgia, tenho muitos amigos.

Mas costuma ir lá mesmo visitá-los?

Sim. Já passei a Europa com um carro, 4 vezes. Com um carro.

Quantas vezes por ano costuma ir lá?

Este ano não vou. Vou uma vez por 2 anos.

Pensa ir para outro país?

Não, com esta idade não vale a pena.

Como vê o futuro dos imigrantes de leste em Portugal?

Isto é difícil. A pergunta não deve ser feita a mim, mas ao governo português. (Risos) Não sei, talvez saiam todos. (Risos)

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Eu nunca pensei antes, em ir para a União Europeia. Saí da Ucrânia por causa da mulher. Nós divorciámo-nos e eu estava triste na Ucrânia. Se voltasse atrás no tempo, não posso dizer nada, porque às vezes fazemos coisas sem saber.

Entrevista 10 (Guimarães)

Qual o seu país de origem?

Ucrânia.

De que região?

Do norte.

Que idade tem?

37.

É casado/solteiro?

Sim.

A sua esposa também é ucraniana?

Sim.

Tem filhos?

Sim.

Com nacionalidade portuguesa?

Portuguesa, sim.

Tem mais família cá em Portugal?

Aqui, não. Tudo na Ucrânia.

Mas a sua mulher e filhos estão a viver cá?

Sim. Fui-lhes tratar dos documentos para estarem cá.

Conte-me o seu percurso, da Ucrânia a Portugal. Como teve conhecimento do país?

Primeiro, quis ganhar dinheiro cá. Depois, vim para cá, trabalhei, vi que a vida é melhor. É muito diferente e quis estar aqui.

Teve contactos com alguém em Portugal?

Sim, com amigos.

Veio sozinho?

Não, com amigos. 8 pessoas.

E a sua esposa?

Veio depois. Tive que tratar dos documentos.

Veio logo para Guimarães?

Para Guimarães, sim.

Qual a sua situação profissional?

Trabalho.

Em quê?

Numa lavandaria.

Foi sempre esse o seu emprego?

Foi sempre.

E na Ucrânia, que profissão tinha?

Aqui não há essa profissão. Era numa central de energia atómica. Trabalhava como serralheiro.

Como obteve o seu emprego em Portugal, quando cá chegou?

Sozinho. Foi difícil, porque não falava nada em português.

Gosta do seu trabalho?

Sim. Já trabalho há 12 anos.

Está, portanto, aqui há 12 anos?

Há 12 anos, sim.

Considera a remuneração adequada?

Antes era bom (salário), agora está mais fraco. Trabalho à noite.

Recorreu a algum apoio a nível de instituições?

Não conheço. Há no Porto, há em Braga. Às vezes ligo para a Linha SOS, para Lisboa, quando tenho dúvidas, para ter apoio.

Que habilitações académicas possui?

Só a escola, 12 anos, e depois, o curso de serralheiro.

Já se sentiu discriminado, de alguma forma?

Aqui, não.

Teve dificuldades na integração, nomeadamente na aprendizagem da língua?

Para mim, a língua é difícil. Já estou aqui há muito tempo e falo mal. Tenho amigos que estão aqui há pouco tempo e falam melhor. Tirei um curso, também, mas preciso mais.

Teve outras dificuldades na integração?

Às vezes, sim, é difícil.

A sua família sente-se bem em Portugal?

Sim. A minha esposa não gosta muito, mais ou menos.

Os seus filhos nasceram cá?

Aqui, sim.

Quais são para si as vantagens de estar em Portugal?

Aqui, por exemplo, há o centro histórico.

Mas há diferenças de cultura?

De cultura, sim. Há clima diferente, comida também, tem muitas coisas de diferente. Na Ucrânia não tem Carnaval, aqui tem Carnaval, tem muita coisa diferente. Também a religião é diferente.

E como lida com isso? Festeja as festas tradicionais, como a data de Natal ucraniana, em casa com a família?

Sim.

Tem nacionalidade portuguesa?

Vou agora fazer.

Atualmente, identifica-se mais com Portugal ou com a Ucrânia?

Antes, gostava mais de Portugal, porque o salário era melhor, a vida era mais fácil. Agora é mais duro, tenho mais problemas. Mas como agora a Ucrânia está em conflitos, a vida é mais calma aqui.

Mas acha que a Ucrânia pode melhorar a situação?

Não sei, se calhar não.

Quais são as suas ambições futuras?

Quero casa, apartamento. Está mais difícil, porque o banco não dá crédito, está muito difícil.

Qual a sua opinião sobre a crise e os seus impactos na sua comunidade?

Há pouco trabalho. Antes, não havia problema para arranjar trabalho. Agora está muito difícil. Os salários são mínimos. Antes não havia problema para arranjar part-time, não havia problema. Agora é muito difícil.

Conhece alguém da sua comunidade que tenha já saído de Portugal?

Sim, tenho muitos amigos que foram para Espanha, para França, etc.

Qual a sua opinião em relação às políticas de imigração europeias? Conhece pessoas que estejam lá?

Conheço muita gente na Alemanha, França, Espanha, mantenho contacto com eles via Skype.

Qual a sua opinião em relação às políticas de imigração portuguesas? Acha que tem boas leis?

Sim, sim.

Mantém contacto com o seu país de origem?

Sim, sim. Com a mãe, pai, irmão, irmã, amigos.

Tem ido para lá?

Quando faço férias.

Com que frequência tem ido para lá?

Uma vez por ano. Quando não havia crise, ia uma ou duas vezes por ano. Agora está mais difícil. Agora, tenho família, trabalho sozinho, é difícil.

Pensa regressar ao seu país de origem ou ir para outro país?

Sim, penso.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal?

Neste momento vale a pena. Na Ucrânia, a situação está difícil, a economia está fraca, tem muita criminalidade agora. Há muitos problemas.

É então melhor estar em Portugal do que na Ucrânia?

Sim, sim.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Sim, porque antes podia-se fazer documentos para se legalizar, era mais fácil, porque, por exemplo, na Alemanha é muito difícil. Na Alemanha ou noutro país, é muito difícil fazer os documentos.

Então considera que as leis de imigração em Portugal são mais fáceis para os imigrantes?

Antes sim, mas agora é mais difícil. Agora há pouco trabalho e o país não quer estrangeiros para aqui.

Entrevista 11 (Guimarães)

Qual o seu país de origem?

Da Lituânia.

De que região?

Do centro. De uma grande cidade.

Que idade tem?

61.

Está cá em Portugal há quanto tempo?

Vim para cá em 2001. Em 2010 vim embora, porque nasceu o meu terceiro neto e tinha que ajudar a minha filha. Depois, voltei outra vez, em 2010.

É casada/solteira?

Divorciada.

Tem filhos, então?

Sim, uma filha e três netos.

E eles vivem cá?

Não.

Tem mais família cá em Portugal?

Não.

Como foi o seu percurso, desde a Lituânia até Portugal?

Na Lituânia trabalhava num grande supermercado. Depois, a economia esteve em baixo. Mandaram embora as pessoas com mais idades e deram lugar aos novos para trabalhar. Eu não tinha trabalho, a minha filha tinha que estudar, tinha que pagar tudo. Depois, vi na televisão, uma entrevista a dizerem que há trabalho em Portugal. Chegamos a Portugal e não encontramos trabalho. Depois, um rapaz novo da Moldávia, disse que naquela altura estávamos num feriado, estava tudo fechado, portanto não podíamos arranjar trabalho. Chegamos com muitas pessoas, 30 ou 40. Um grupo grande. Chegámos em Coimbra, mas depois arranjam trabalho para aqui para Guimarães. Trabalhámos numa fábrica têxtil.

Veio acompanhada, portanto?

Eramos um grupo de 40 pessoas.

E eram todos da Lituânia?

Da Lituânia, sim.

De que meio de transporte veio?

Numa grande camioneta. Eram 2 camionetas.

Atualmente está empregada?

Sim.

Em quê?

Tomo conta de uma senhora, como empregada doméstica.

Qual a sua profissão anterior?

Economista.

Em Portugal?

Não, na Lituânia. Em Portugal trabalhei numa fábrica, depois numa fábrica de calçado, depois arranjei esta senhora onde continuo a trabalhar.

Já tentou exercer a profissão de economista cá em Portugal?

Não, porque com esta idade já ninguém quer estas pessoas.

Como se sente com o atual emprego?

Eu gosto de fazer tudo. Não gosto de sentar e ficar sem trabalho. Eu tenho de me mexer. A minha patroa diz-me “Senta-te! Descansa!”, e eu digo “Não posso! Você sabe que eu tenho de me mexer!”. Gosto de todos os trabalhos.

E a remuneração é adequada?

É bom. É muito boa pessoa a minha patroa. Sinto que é como se fosse da minha família.

Teve algum apoio institucional?

Não.

É, portanto, licenciada em economia?

Sim.

Já se sentiu, de alguma forma, discriminada?

Não, nunca. Eu trato as pessoas bem e as pessoas tratam-me a mim bem, também.

Que dificuldades teve na integração, em Portugal, nomeadamente na língua?

Quando cheguei, não percebia nada. Depois, vivia perto de Vizela, e um senhor da América ensinava-nos todos os Domingos a língua portuguesa. Depois, tirei um curso na escola secundária.

Teve mais dificuldades?

Não. Os portugueses ajudaram-me.

Quais são, para si, as vantagens de estar em Portugal?

Todos os países têm coisas boas e coisas más. Gosto de aqui. O calor, as pessoas. Muito boa gente. Na minha terra, as pessoas são mais frias.

Nota diferenças culturais entre ambos os países?

São diferentes, claro.

Como lida com isso?

Eu vivo aqui, tenho que aprender as coisas daqui, claro.

Mas tenta preservar traços culturais próprios?

Não.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não.

Está em condições de a pedir?

Para já não. Nós (Lituânia) já estamos na União Europeia. Para quê pedir? Não preciso.

Neste momento, identifica-se mais com Portugal ou com a Lituânia?

Claro, que com Portugal, porque estou a viver todo o ano cá e só vou para férias durante um mês.

Com que frequência costuma lá ir?

Uma vez por ano.

Mantém contactos com o seu país de origem?

Sim, sim. Todos os dias, através do Skype.

Tem planos futuros?

Agora vivo sem planos, porque quando estou a planear qualquer coisa, não dá.

Qual a sua opinião relativamente à crise que Portugal enfrenta e os seus impactos na sua comunidade?

Eu acho que agora já está melhor.

Tem conhecimento de pessoas que já tenham ido embora?

Conheço, conheço.

Como está a situação atual da Lituânia?

Eu acho que agora, na Lituânia, está melhor. O nosso presidente está a trabalhar muito bem, acho que está melhor, já há trabalho para os mais jovens.

Qual a sua opinião em relação às leis de imigração na União Europeia?

Acho que são boas.

E aqui, em Portugal?

Eu acho que as daqui são muito boas.

Pensa em regressar ao seu país de origem?

Quando acabar de trabalhar aqui, não sei quando, eu vou voltar ao meu país.

Numa situação de reforma, portanto?

Eu vou receber reforma aqui, também, porque faço descontos e tudo.

Como vê o futuro da sua comunidade em Portugal? Acha que há futuro para eles aqui?

Eu acho que sim. Tem trabalho, já há médicos que já estão a trabalhar. Quem quer, quem não quer...

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Eu gosto muito de Portugal e de viver aqui, só que tenho saudades da minha família, claro.

Mas voltava a fazer tudo na mesma?

Eu acho que sim.

Entrevista 12 (Guimarães)

Qual o seu país de origem?

Bielorrússia. É fronteira com a Polónia.

De que região?

Não tem grande região, é um país muito pequenino.

Mas era de uma cidade/aldeia?

Cidade. Mesmo na fronteira com a Polónia. Da minha cidade à Polónia, são 5 minutos.

Que idade tem?

Vou fazer 42.

É casada/solteira?

Viúva. Quando vim para cá, meu marido já não estava comigo.

Tem filhos?

Sim, tenho um filho de 23 anos.

Ele está cá em Portugal?

Não, na Bielorrússia.

Tem mais família cá?

Não, não tenho mais ninguém.

Como foi o seu percurso de Bielorrússia para Portugal?

Eu já estava há 5 anos sem marido, é um bocadinho difícil, porque nós vivíamos muito bem, eu nunca na vida trabalhei. Terminei um curso de economia, estava a fazer um estágio. Tinha uma vida boa, meu marido ganhava dinheiro.

O seu curso é universitário?

Sim, Claro. E, pronto, conseguia viver lá com o dinheiro que eu tinha durante 5 anos. Depois, o filho cresce, pede mais, sozinha não dá para viver a vida assim, como nós vivíamos antigamente. Eu não queria viver pior. Pronto, aconteceu isto, a minha sobrinha estava aqui e ela chamou-me. Ela disse “Tia, anda! Vais ver como é, pode ser que vás gostar, ganhas dinheiro...” e tudo assim.

Portanto, teve contacto antes de vir para cá?

Sim, claro, claro. É a minha sobrinha, ela vive ainda aqui, em Santo Tirso, casada com um português, e pronto, resolvi a minha vida lá e vim para cá.

Veio sozinha?

Sim.

Há quanto tempo está cá?

Há 11 anos.

Teve só o apoio da sua sobrinha?

Sim.

Que meio de transporte utilizou?

Meu país, nesse momento estava muito fechado. Tinha 30 anos quando cheguei cá, e era muito difícil para sair no avião. Pronto, como uma pessoa solteira, porque tinhas pessoas que faziam prostituição na europa, isto é muito complicado, e no meu país saíram leis que proibiam mulheres, que não tinham família nem eram casadas, saírem para a Europa.

Essa lei era da Bielorrússia?

Bielorrússia, sim, e nos países de antigamente, da União Soviética, também era muito difícil para sair. Portanto, eu fazia vistos para turismo e, devagarinho, da Alemanha e tudo, para França, tinha amigos na França, passava lá dois dias e já chegava lá na camioneta, não de avião, porque é muito difícil, não podia. De camioneta chagava para Portugal.

E foi uma viagem longa?

Sim, dois dias, tirando os dias que descansava.

Veio logo para Guimarães?

Não, não, para Viseu. Ela (sobrinha) vivia, antigamente, em Viseu. Depois, não conseguiu, sem trabalho, viver, procurou trabalho em Santo Tirso. Eles foram e eu fui atrás deles. Depois arranjei trabalho em Vila das Aves. Gosto muito de ser independente. Vivi em Vila das Aves, 5 anos. Foi stress, 5 anos sozinha, sem família nenhuma é muito difícil. Já não conseguia viver mais. Arranjei documentos para residência, recebi residência e fui embora. Com este stress, apanhava com problemas de saúde. Fui para a minha terra (Bielorrússia), fiquei lá 6 meses na minha terra. Portugal é muito lindo, aqui há muitas coisas positivas, uma pessoa habitua-se. Tomei a decisão de voltar. Já tinha amigos aqui, voltei para a casa deles, fiquei 2 semanas na casa deles, depois arranjei trabalho.

Atualmente, está empregada?

Claro, claro.

E o que é que faz?

Empregada doméstica.

Anteriormente qual era a sua profissão?

Eu acabei a universidade, em economia, trabalhava só um ano, no estágio, numa empresa onde tinha lá junto hotel, supermercado, restaurantes, assim uma coisa muito grande.

Na Bielorrússia?

Na minha terra. Só trabalhei, na minha terra, durante um ano. E não precisava, porque meu marido ganhava muito dinheiro.

E aqui em Portugal, qual foi o seu primeiro emprego?

Nas limpezas, ganhava muito mal. Eu não estava habituada assim, precisava de ir para a frente. Pedi a amigos, quer dizer não são amigos, entre estrangeiros não há amigos. Pedi a pessoas conhecidas, porque eu falava bem com eles, falavam a minha língua, e ajudaram-me.

Como se sente com o seu atual emprego?

Na verdade, a pessoa cansa-se se fizer sempre a mesma coisa. Como pessoa sincera que sou, é melhor limpar sua casa do que casa dos outros. É muito difícil e eu sou empregada interna, eu vivo lá, e ganho migalhas, muito pouquinho. Não tinha outra solução, porque eu não posso ganhar o salário mínimo e gastar logo este salário, para alugar apartamento, comida, não vale a pena. Tomei a decisão, eu queria trabalhar, para viver e ajudar a minha família. Eu vivo onde eu trabalho e é muito difícil, muito difícil psicologicamente.

Teve algum apoio institucional?

Não. É melhor sofrer sozinha do que pedir.

Já tentou exercer a profissão da sua formação académica, em Portugal?

Não. Não vale a pena, porque, primeiro há a idade, com a minha idade as pessoas não gostam muito, gostam de pessoas mais jovens. Já passou, já nem me lembro de muitas coisas (do curso).

Já se sentiu discriminada, de alguma forma?

Senti. Senti coisas que não gosto, coisas que me mandam fazer. E eu sou calada. Quando eu não gosto, eu digo que não gosto e não vou fazer. Já senti. Não gosto, porque sou, também, uma pessoa.

Teve dificuldades de integração teve em Portugal, nomeadamente na língua?

Eu falava espanhol. Na universidade, estudei espanhol e gostava muito de espanhol. Só que quando cheguei, ninguém percebia nada. E eu, devagarinho, aprendi a língua portuguesa. Não sei se falo bem ou não.

Mas tirou algum curso?

Não tinha nada, não. Não tinha curso nenhum.

E outras dificuldades, como arranjar casa, trabalho?

Antigamente, eu fazia assim: tinha trabalho, ganhava devagarinho e procurava outro melhor. Quando não estou bem, vou andando para a frente, não parava. Tinha 2 trabalhos, era muito difícil, dormia 3, 4, 5 horas por noite.

Para si, quais são as vantagens de estar em Portugal?

Agora já não vale a pena viver aqui, porque as pessoas não ganham como querem. O país está muito abandonado, parece que não tem dono.

Mas considera que Portugal já foi um país muito bom para uma pessoa viver?

Antigamente, sim.

Em comparação, por exemplo, com o seu país de origem, como classifica Portugal, com o seu sistema de saúde, escola...?

No meu país, o sistema de saúde é muito melhor do que o de cá. Na parte da escola, também. Aqui, para ir a uma consulta, espera-se 2 ou 3 meses. Nesta parte, aqui é muito pior. Lá é tudo organizadinho. Lá ninguém espera, nem nada. Eu estou aqui há 11 anos e ainda não tenho médico de família. Isto é normal? Eu acho que não. Trato-me, com comprimidos, sozinha.

Nota diferenças culturais entre os países?

Claro, claro. Todos os países têm as suas diferenças. A língua, muitas coisas. Eu fui obrigada a fazer um curso de português, e havia lá um projeto no qual dizia as diferenças entre Portugal e o meu país.

E como lida com isso?

Uma pessoa, como um animal, habitua-se. Devagarinho habitua-se.

Mas tenta preservar traços culturais próprios?

Já estou aqui há tantos anos que... (Risos) uma pessoa muda.

Tem nacionalidade portuguesa?

Não. E eu quero ter. Já tenho todos os documentos juntos, só faltam alguns documentos. A validade é de 3 meses, por isso eu quero na hora. Daqui a pouco vou para férias e quero fazer isto na hora.

Qual é a razão que a leva a pedir nacionalidade portuguesa?

A vida é muito difícil. Não sabemos o que haverá amanhã, por isso penso que não vou perder nada quando pedir a nacionalidade portuguesa.

Neste momento, identifica-se mais com Portugal ou com a Bielorrússia?

Meu país, porque lá tem a minha família, isto é muito importante na vida, a família, filhos, tem lá as suas coisas, porque eu aqui não tenho nada, só a roupa. É melhor viver pobre na minha terra, do que viver pior e sofrer aqui.

Tem ambições futuras?

Não, eu vivo assim: o dia passa e eu peço a Deus, obrigada! Tenho os meus planos, sim, mas não têm nada a ver com Portugal. Em Portugal já não tenho planos nenhuns. Quando aconteceram estas coisas todas em Portugal, salários mínimos, eu acho que não. Eu tinha só a minha mãe e o meu filho. Minha mãe não vai viver aqui, porque é uma pessoa com 67 anos; meu filho também, eu acho que não. Não tenho futuro nenhum para viver a vida mais, aqui.

Qual a sua opinião em relação aos impactos da crise nos imigrantes de leste?

Muitas pessoas já foram embora. Foram embora para Inglaterra, para o Canadá, para a América, eu conheço. Muitas pessoas foram para a Suécia, Suíça, Alemanha. Não sei como eles vivem lá. Falo com uma pessoa que vive na Alemanha, ela vivia aqui. Ele diz que pode comprar, de comida, tudo o que quiser. Aqui não, é preciso poupar, apertar “coleira”.

Qualidade de vida lá é melhor?

Melhor. Ganham mais, pagam mais segurança social, mas a vida é melhor. E quando o salário lá, não chega para viver a vida, o país paga o apartamento, eles vivem de graça lá.

Qual é a sua opinião em relação às políticas de imigração da União Europeia?

Os meus amigos na Alemanha têm, lá, muita papelada.

Burocracia?

Muito, muito, muito. Eu, ontem, falei com uma pessoa, e disse que ela tinha uma pasta fininha de papelada, agora já tem 5 pastas de papelada, porque vive com nacionalidade portuguesa na Alemanha.

E em relação às leis de imigração portuguesas?

Aqui tem muita burocracia, também. Para mim, é igual, porque eu não tenho vida, assim, para melhorar. A vida não foi melhorada.

É complicado, por exemplo, alguém legalizar-se?

Sim, eu acho que sim. Quando eu vivi aqui 5 anos, não estava legalizada. É muito difícil.

Como vê a situação atual da Bielorrússia?

Sabia que as pessoas na Bielorrússia ganham mais do que aqui? É verdade. Antigamente, não. Agora, é verdade. E como eu aqui ganho o salário mínimo, posso, lá, fazer qualquer coisa, abrir um negócio. Lá, por exemplo, nas obras, ganha-se muito mais. Lá é dólares, não é euros.

Mantém contacto com a Bielorrússia?

Claro. No Skype.

Mas tem visitado a Bielorrússia?

Sim, uma vez por ano, quando tenho férias.

Todos os anos?

Todos os anos.

Pensa regressar ao seu país de origem?

Penso, sim. Neste momento, sim. Onde tinha as minhas coisas. Não sei como a vida irá para a frente. Quando for embora, eu acho que vou embora, que vou para lá, claro. Tenho lá a minha família que espera por mim.

Como vê o futuro da comunidade de imigrantes de leste em Portugal?

Aqui em Portugal há muitos imigrantes. Futuro? Quando tem dinheiro, sem dinheiro, com salário mínimo, não vale a pena.

Se voltasse atrás no tempo, voltaria a emigrar para Portugal?

Sabia que já pensei, também nesta parte? Quando eu vim há 11 anos atrás, eu não pensava. Eu olho para trás, e eu não tinha medo. Penso o que vai ser pior e o que vai ser melhor para mim. Olho para trás e não tenho pena. Não posso responder, não sei. Já passou, não se volta para trás, não é? Já passou e acabou.